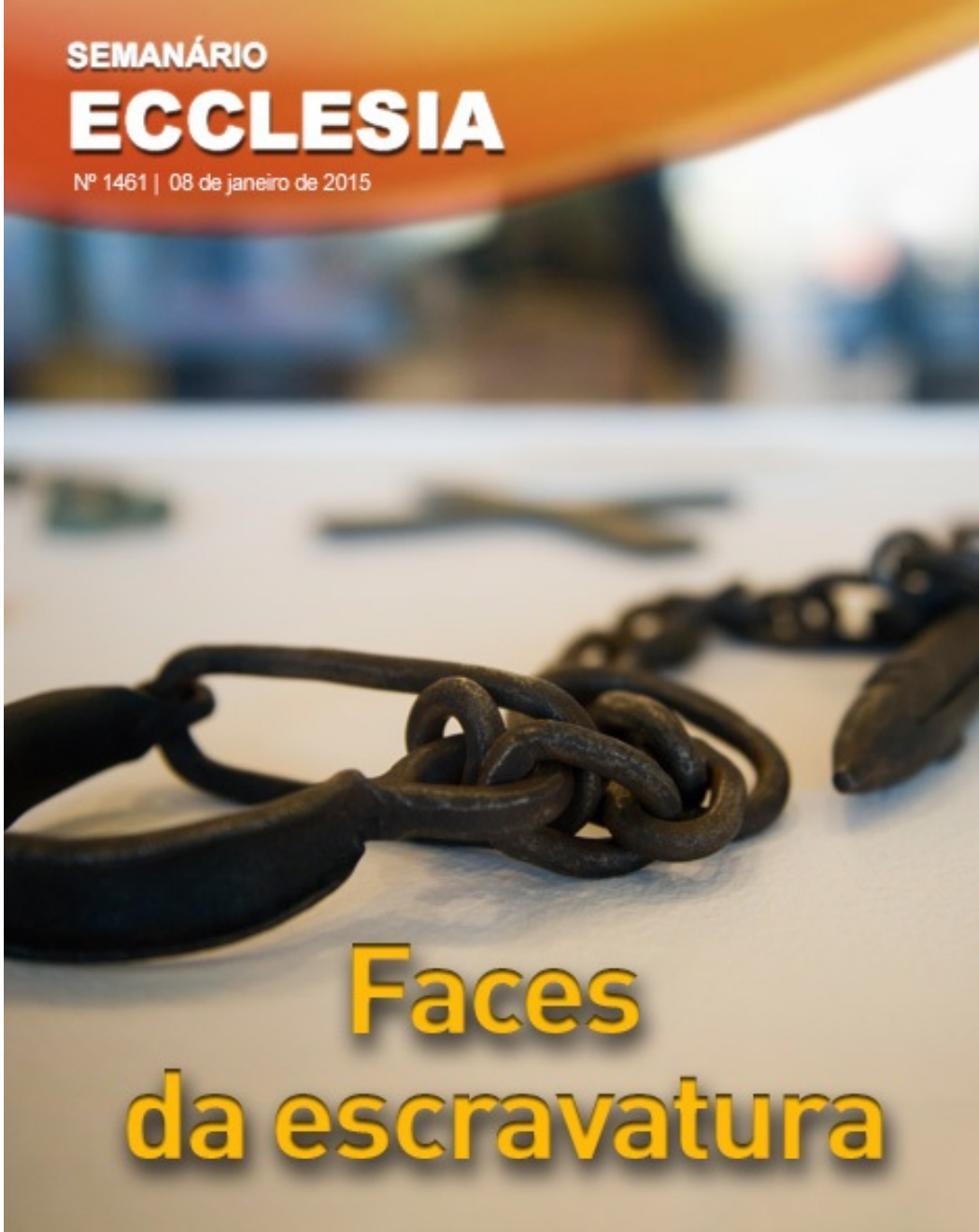


SEMANÁRIO

ECCLESIA

Nº 1461 | 08 de janeiro de 2015



Faces da escravidão

04 - Editorial:

Paulo Rocha

06 - Foto da semana

07 - Citações

08 - Nacional

14- Internacional

20 - Opinião:

D. Pio Alves

22 - Opinião:

Manuel de Lemos

24 - Pastoral Juvenil

26 - A semana de...

Octávio Carmo

28-51 - Dossier

Faces da Escravidão

30 - Entrevista:

Pedro Vaz Patto

52 - App Pastoral

54 - Estante

56 - Vaticano II

58 - Agenda

60 - Por estes dias

64 - Programação Religiosa

65 - Minuto Positivo

66 - Liturgia

68 - Pastoral da Saúde

70 - Família

72 - Ano da Vida Consagrada

76 - Intenção de Oração

78 - Ano do Desenvolvimento

80 - Fundação AIS

82 - Lusofonias

Foto da capa: AIS

Foto da contracapa: Agência ECCLESIA

AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo

Redação: Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lígia Silveira,

Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Cônego João Aguiar Campos

Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.

Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D

1885-076 MOSCAVIDE.

Tel.: 218855472; Fax: 218855473.

agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;



D. Manuel Clemente nomeado cardeal

[ver+]



Papa condena atentado em Paris

[ver+]



Escravidura contemporânea

[ver+]

Opinião

D. Pio Alves | Paulo Rocha | Fernando Cassola Marques | Manuel Barbosa | Paulo Aído | Tony Neves | Elias Couto | Manuel de Lemos | Isabel Carmelo Rosa Renaud e Michel Renaud | Miguel Oliveira Panão



Um jornal e uma escola



Paulo Rocha
Agência ECCLESIA

Dizer “horrendo” e ou qualquer outra palavra para (des)qualificar o atentado perpetrado no fim de uma manhã parisiense, no dia 7 de janeiro de 2015, a um jornal francês é insuficiente. O que dá grande relevância à condenação do ato terrorista é simultaneamente o silêncio e as muitas palavras ditas, as muitas vozes que se levantam contra os provocadores da morte. Felizmente!

As mesmas palavras e muitas mais também não chegam para condenar o ataque a uma escola em Peshawar, cidade do Paquistão, que vitimou 140 pessoas, a maioria crianças e adolescentes. Foi há menos de um mês e é apenas um dos muitos exemplos recentes de atentados à dignidade da pessoa, na sua expressão mais extrema, a morte. Infelizmente!

Em causa não está a comparação entre dramas abomináveis que atingem a humanidade. Antes a repercussão que provoca no outro, em mim, quando dele tomo conhecimento num quotidiano aparentemente pacífico. Apesar de tudo, a proximidade criada pelos media não altera emoções e subjeções de cada sujeito e das sociedades porque as análises e tentativas de combate aos confrontos entre povos estão cada vez mais condicionadas por programas, económicos, políticos ou ideológicos, que pervertem à nascença os objetivos aparentemente desejados.

Catalogar o que motiva os ataques terroristas aos setores da religião, de razões étnicas ou culturais ou relacionadas com o controlo dos recursos

naturais e de fronteiras apenas permite adiar a procura de soluções, mesmo considerando a “porção” fundamentalista de cada um desses âmbitos. Há “causas perdidas”, falsamente distantes, onde permanecem as raízes dos



conflitos que desarmam a normalidade ocidental, frequentemente ameaça por acontecimentos remetidos habitualmente para as telas do cinema.

Apontar soluções é ousadia. Apenas é possível garantir o que está ao alcance de cada sujeito, de cada mulher e homem, procurando sempre salvaguardar a dignidade da pessoa humana, a própria e a do irmão. Quando assim acontecer por uma ou duas pessoas, por uma multidão, segue-se a pista do Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial da Paz: “Assim como as organizações criminosas usam redes globais para alcançar os seus objetivos, assim também a ação para vencer este



fenómeno requer um esforço

comum

e igualmente

global por parte dos diferentes atores que compõem a sociedade”. Colocar em marcha a “globalização da fraternidade” é o desafio proposto pelo Papa e poderá ser o motivo principal de todas as manifestações contra qualquer atentado. Também o que afetou um jornal porque, afinal, os media livres são principais meios para denunciar atos hediondos e propor alternativas. Salvaguardando sempre a dignidade das pessoas.



foto da semana



citações



"Espero que todos os governos europeus e todos os governos de nações democráticas no mundo saibam estar à altura destes desafios e reagir com muita determinação, mantendo uma coesão ainda maior nos seus propósitos de defesa das suas instituições e reforçando os seus instrumentos, as suas políticas de combate a estes fenómenos"
Pedro Passos Coelho, primeiro-ministro português, Lisboa, 07.01.2015

"Foi com profunda consternação que tomei conhecimento do atentado perpetrado hoje em Paris, o qual merece a nossa total condenação e repúdio. Este ato provocou um elevado número de vítimas e atingiu um princípio fundamental das nossas democracias, o da liberdade de imprensa"
Carta do presidente da República Portuguesa, Cavaco Silva, enviou hoje ao presidente francês, François Hollande, Lisboa, 07.01.2015

"O Islão foi insultado mais uma vez por terroristas que abusam do seu nome. Hoje todos somos parisienses"
Observatório para a Liberdade Religiosa, Lisboa, 07.01.2015

"É um momento para a solidariedade. Ao redor do mundo devemos permanecer firmes em favor da liberdade de expressão e da tolerância, e contra as forças que fomentam a divisão e o ódio".
Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, 07.01.2015

"Nada nos pode dividir, nada nos deve dividir, nada nos deve separar. A França é grande, a liberdade será sempre mais forte do que a barbárie"
François Hollande, presidente da República Francesa, Paris, 07.01.2015

D. Manuel Clemente, novo cardeal português

O patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, vai ser criado cardeal a 14 de fevereiro, no Vaticano, um anúncio feito pelo Papa a 4 de janeiro, após a recitação da oração do ângelus, na Praça de São Pedro. Francisco revelou que vai criar 15 cardeais eleitores, provenientes de 14 países, incluindo também o bispo de Santiago, Cabo Verde, D. Arlindo Furtado; o bispo emérito de Xai-Xai, Moçambique, D. Júlio Duarte Langa, de 87 anos, é um dos cinco cardeais não-eleitores que também vão ser criados pelo Papa. No dia em que teve conhecimento da nomeação pontifícia, D. Manuel Clemente afirmou que o facto de ser escolhido pelo Papa para cardeal vai ser uma oportunidade para “colaborar mais diretamente” com Francisco, cujo “pontificado e pensamento” se identifica “absolutamente”. “Para mim é um gosto colaborar ainda mais diretamente com o Papa Francisco, cujo pontificado e pensamento me identifico absolutamente”, disse o patriarca de Lisboa aos jornalistas. Para D. Manuel Clemente, a escolha de Francisco aconteceu de forma

“surpreendente” e compromete-o “sempre mais” para fazer “o que for preciso e o que o Papa quiser”. “Essencialmente o que ele me pede é que seja bispo de Lisboa. Depois, o mais que se acrescentar, da melhor maneira que eu puder e souber. Boa vontade essa não falta”, declarou D. Manuel Clemente. O secretário da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) disse à Agência ECCLESIA que a escolha de D. Manuel Clemente para cardeal constituirá uma “mais-valia” para a Santa Sé pelo “serviço qualificado e competente” que irá prestar. Para o padre Manuel Barbosa o patriarca de Lisboa vai ser “uma presença mais próxima junto do Papa Francisco”. O presidente da República Portuguesa felicitou o patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, pela sua nomeação como cardeal. “O anúncio da nomeação do patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, como cardeal confirma a singularidade do relacionamento histórico entre Portugal e a Igreja Católica”,



refere o texto, divulgado pelo site da Presidência.

Aníbal Cavaco Silva destaca a “dimensão humana” do novo cardeal português, dirigindo-lhe “respeitosas felicitações por esta marca de distinção e apreço” do Papa Francisco. “O seu contributo nos domínios da ciência e da cultura, e a sua experiência no exercício do magistério episcopal dão pública e inequívoca prova de que estamos perante uma personalidade que se distingue notavelmente pela doutrina, pela piedade e pela prudência”, conclui o texto.

Também o vice-primeiro-ministro Paulo Portas felicitou a nomeação como cardeal de D. Manuel Clemente, que apresenta como “homem de Fé e

Cultura, voz de compaixão e razão”. O consistório para a criação de novos cardeais, marcado para 14 e 15 de fevereiro, vai decorrer após um encontro de dois dias com todo o Colégio Cardinalício, sobre a reforma da Cúria Romana, nos dias 12 e 13 do mesmo mês.

Ler mais:
[Nota Biográfica](#)

2015: Ano Europeu para o Desenvolvimento

A União Europeia reservou 2015 para a temática do “desenvolvimento”, com o lema “O nosso mundo, a nossa dignidade, o nosso futuro”. Segundo o decreto aprovado pelo Parlamento Europeu, a iniciativa tem como objetivo “sensibilizar os Estados-membros, a sociedade civil, as autoridades locais e regionais, o setor privado, os parceiros sociais, as entidades e organizações internacionais” para a importância da luta contra a pobreza.

Nos próximos meses, vão ser colocados em cima da mesa do debate público “os resultados que a União Europeia já alcançou” nesta área, em conjunto com todos os países que a compõem.

Além de informar os cidadãos”, aquele organismo espera mobilizá-los a uma “participação direta” em torno do desenvolvimento e fomentar o seu “pensamento crítico e pensamento ativo”.

Em causa está também a promoção de um espírito “comum de responsabilidade, solidariedade e oportunidade, num mundo em

mutação e cada vez mais interdependente”, pode ler-se. Em entrevista ao Programa ECCLESIA, Susana Refega, diretora executiva da Fundação Fé e Cooperação (FEC), destacou a importância do projeto para colocar a “questão do desenvolvimento” de uma forma mais próxima das pessoas e “de uma forma que não seja codificada, mas sim na linguagem de todos”.

Isto porque esta matéria diz respeito “a todos”, não pode ser apenas preocupação do “Norte, do Sul, de alguns países”.

Papa recebeu edição comemorativa do «Mensageiro de Bragança»

O bispo da Diocese de Bragança-Miranda entregou esta quarta-feira ao Papa Francisco um exemplar da edição comemorativa dos 75 anos do jornal «Mensageiro de Bragança», após a tradicional audiência geral, que decorreu na sala Paulo VI.

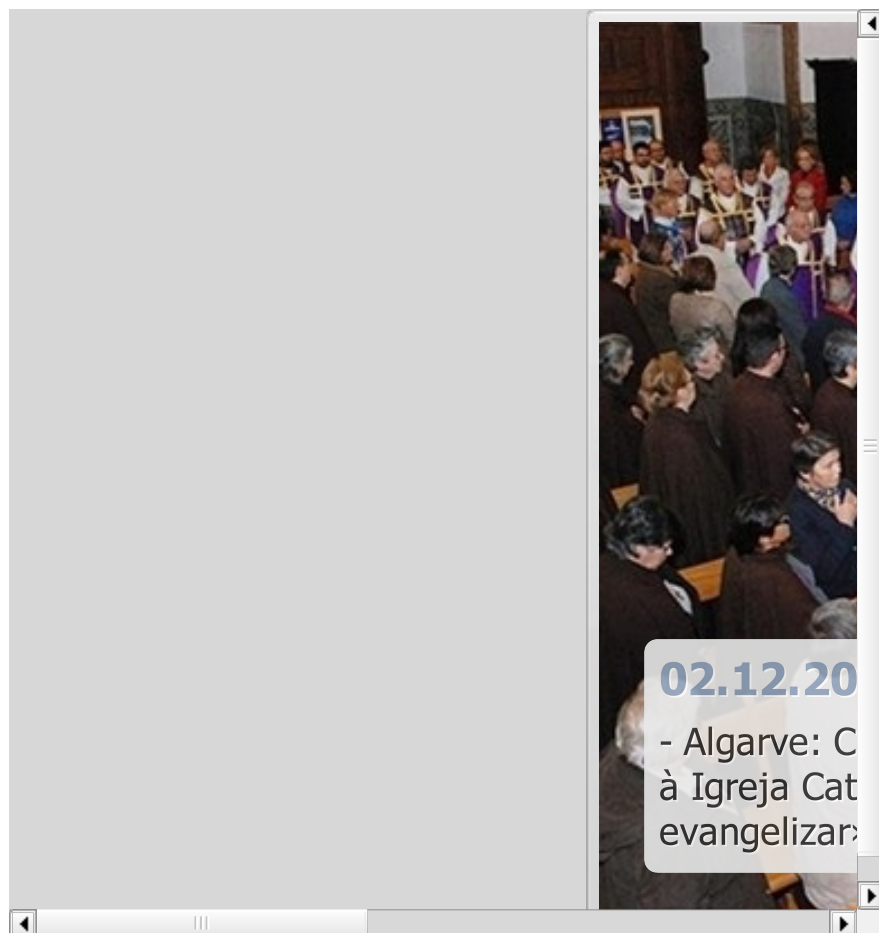
A deslocação a Roma dos colaboradores do “Mensageiro de Bragança” realizou-se no âmbito dos 75 anos do jornal, órgão oficial da Diocese de Bragança-Miranda, e da delegação faziam parte, para além do bispo diocesano, o diretor da publicação, o padre José Carlos, e o administrador do jornal, Adriano Diegues que “tiveram oportunidade

de cumprimentar o Papa Francisco”. “Foi um momento de grande alegria para todos nós”, disse o diretor do jornal.

Estiveram também presentes os “restantes elementos da redação e parte administrativa”, informa o comunicado.

O jornal “Mensageiro de Bragança” foi publicado pela primeira vez a 1 de janeiro de 1940 e mantém publicações “de forma ininterrupta” desde esta data; atualmente tem uma periodicidade semanal e uma tiragem média mensal de cinco mil exemplares sendo o jornal “mais antigo” do distrito de Bragança e o que “tem mais assinantes”.

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial nacional nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



[Diocese de Aveiro reabre processo de canonização da Beata Joana, princesa](#)

Dia Mundial da Paz 2015, entrevista a Guilherme d'Oliveira Martins



Papa condena atentado em Paris

O Papa Francisco recordou hoje no Vaticano as vítimas do ataque desta quarta-feira contra o semanário francês 'Charlie Hebdo' que matou 12 pessoas e deixou vários feridos, entre polícias e jornalistas. "O atentado de ontem em Paris faz-nos pensar em tanta crueldade, crueldade humana, em tanto terrorismo - seja o terrorismo isolado, seja o terrorismo de Estado. De quanta crueldade é capaz o homem", lamentou, no início da homilia da Missa a que presidiu na capela da Casa de Santa Marta. Francisco pediu aos participantes na celebração que rezassem pelas "muitas" vítimas "desta crueldade". "Peçamos também pelos cruéis, para que o Senhor mude os seus corações", acrescentou. Ainda esta manhã, o Papa enviou hoje um telegrama de condolências, através do secretário de Estado do Vaticano. A mensagem fala num "terrível atentado" e assegura as orações de Francisco pelas famílias enlutadas, associando-se "à tristeza de todos os franceses". "O Santo Padre condena mais uma vez a violência que gera tantos sofrimentos e pede a Deus que ofereça o dom da paz", refere

o cardeal Pietro Parolin. Após ter condenado em comunicado a violência assassina "abominável" e "jamais justificável", ainda na quarta-feira, o Papa concedeu hoje uma audiência privada ao arcebispo de Paris, no Vaticano, e lançou na rede social Twitter uma mensagem a pedir orações pela capital francesa (#PrayersForParis). "A vida e a dignidade de cada um devem ser garantidas e protegidas com decisão, toda a instigação ao ódio deve ser recusada, o respeito do outro cultivado", sustentou o Papa, horas após o atentado. Francisco afirmou a "sua proximidade, a sua solidariedade espiritual e o seu apoio para todos os que, de acordo com as suas responsabilidades, continuam comprometidos com a paz, a justiça e o direito, para curar completamente as causas do ódio, neste momento doloroso e dramático, em França e em todas partes do mundo marcadas por tensões e violências". Já o porta-voz da CEF emitiu em comunicado manifestando a "profunda comoção" e o "horror" dos bispos católicos, deixando uma palavra de solidariedade aos



familiares e amigos das vítimas, bem como à redação do 'Charlie Hebdo'. "Um tal terror é evidentemente inqualificável. Nada pode justificar tal violência", acrescenta a nota oficial assinada por D. Olivier Ribadeau-Dumas. O porta-voz sustenta que a "barbárie" destes assassinatos atinge "todos" e atenta contra a "liberdade de expressão", um "elemento fundamental" da sociedade.

O padre José Agostinho, sacerdote português a viver em Paris, considerou "arrepiaante" o minuto de silêncio que a "multidão" fez, hoje, devido ao atentado desta quarta-feira. Centenas de parisienses concentraram-se ao meio-dia (11h00 em Lisboa) na rua do jornal satírico, em Paris, para homenagear com um minuto de silêncio as vítimas do ataque, gesto que se repetiu noutros locais da capital francesa.



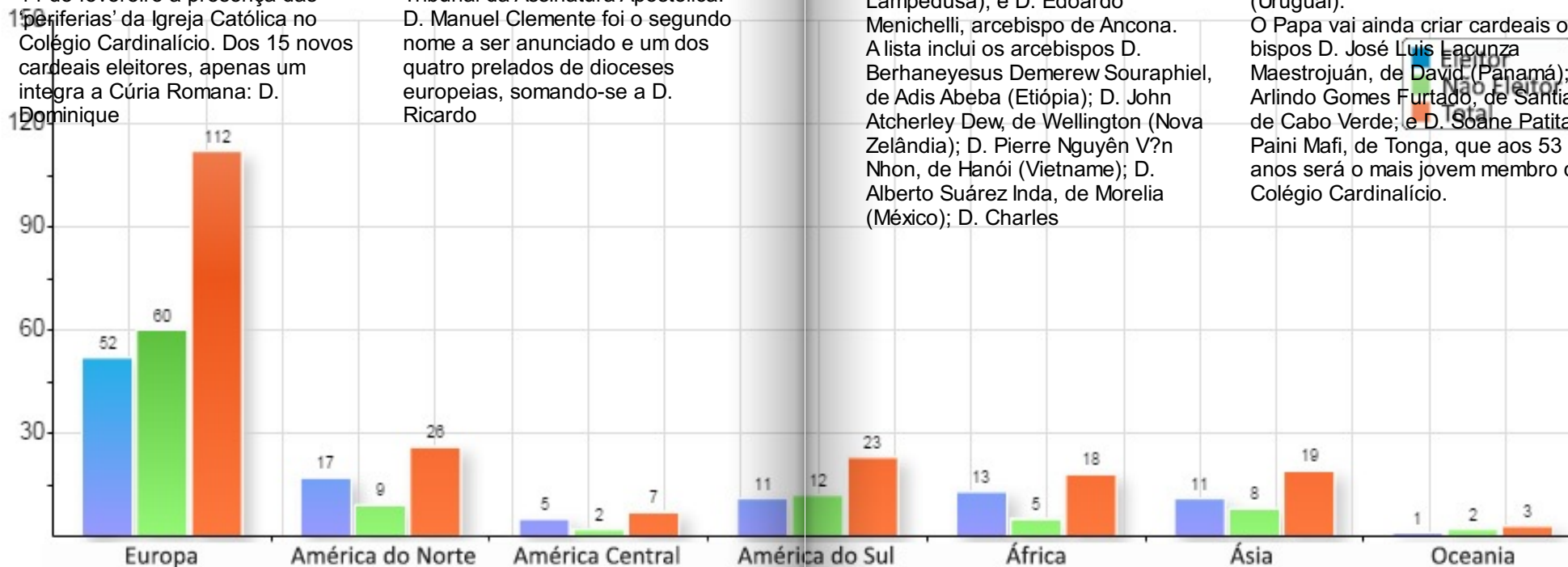
Colégio Cardinalício chega às periferias

À imagem do que aconteceu em 2014, no primeiro consistório do pontificado, Francisco vai reforçar a 14 de fevereiro a presença das 'periferias' da Igreja Católica no Colégio Cardinalício. Dos 15 novos cardeais eleitores, apenas um integra a Cúria Romana: D. Dominique

Mamberti, antigo secretário do Vaticano para as relações com os Estados e atual prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica. D. Manuel Clemente foi o segundo nome a ser anunciado e um dos quatro prelados de dioceses europeias, somando-se a D. Ricardo

Blázquez Pérez, arcebispo de Valladolid (Espanha) e aos italianos D. Francesco Montenegro, arcebispo de Agrigento (responsável pelo território de Lampedusa), e D. Edoardo Menichelli, arcebispo de Ancona. A lista inclui os arcebispos D. Berhaneyesus Demerew Souraphiel, de Adis Abeba (Etiópia); D. John Atcherley Dew, de Wellington (Nova Zelândia); D. Pierre Nguyễn Văn Nhơn, de Hanói (Vietname); D. Alberto Suárez Inda, de Morelia (México); D. Charles

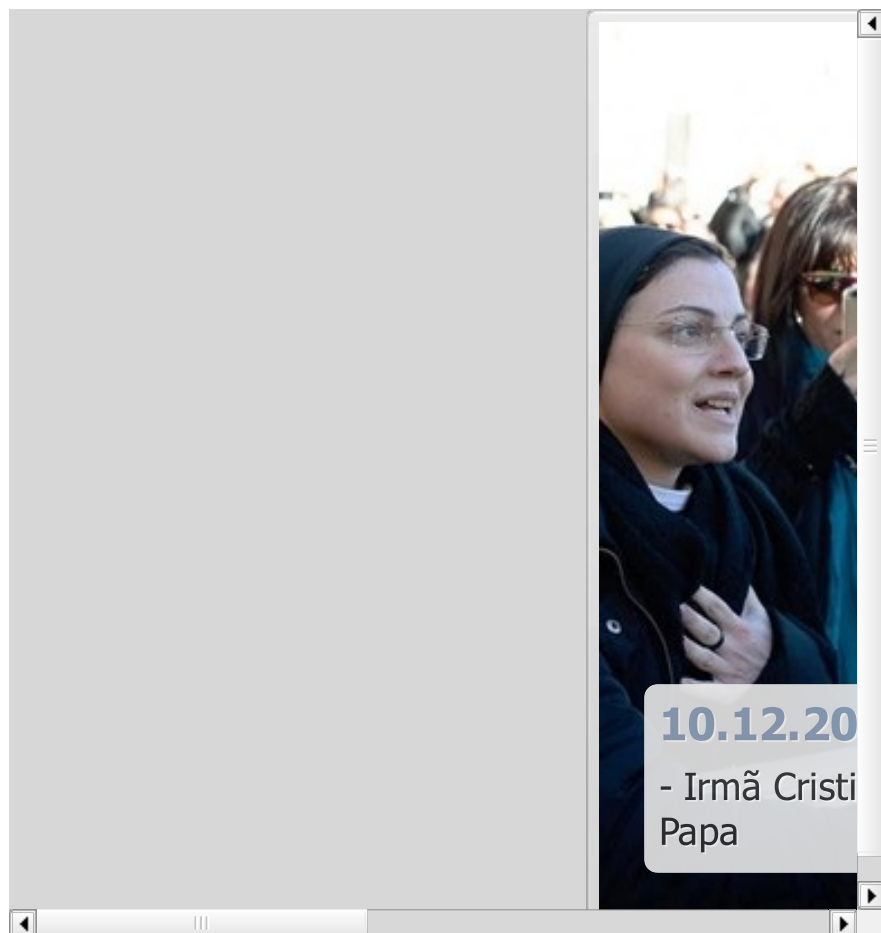
Maung Bo, de Rangum (Mianmar); D. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, de Banguecoque (Tailândia); D. Daniel Fernando Sturla Berhouet, de Montevideo (Uruguai). O Papa vai ainda criar cardeais os bispos D. José Luis Lacunza Maestrujuán, de David (Panamá); D. Arlindo Gomes Furtado, de Santiago de Cabo Verde; e D. Soane Patita Painsi Mafi, de Tonga, que aos 53 anos será o mais jovem membro do Colégio Cardinalício.





internacional

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial internacional nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt

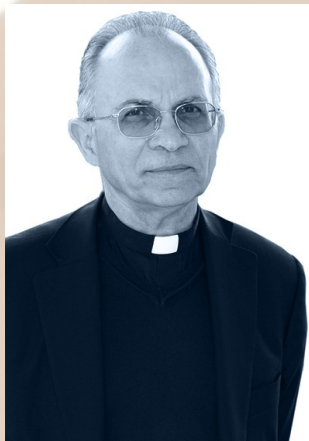


O Natal do Papa

Revista do ano 2014



Escravidura



D. Pio Alves
Pressidente da
Comissão Episcopal
da Cultura, Bens
Culturais
e Cominuações Sociais

A *Mensagem* do Santo Padre para o Dia Mundial da Paz (2015) é um texto magnífico. Curiosamente, não teve, pelo menos no nosso contexto cultural-religioso, um grande eco. O tema central é a escravidura. Provavelmente, descansamos todos no orgulho nacional de termos sido pioneiros na abolição legal do “flagelo da exploração do homem pelo homem”. O Papa Francisco levanta a voz por quantos continuam a não ter voz. Convida-nos a olhar a sociedade para além da letra das leis. E recorda: “*tantos trabalhadores e trabalhadoras, mesmo menores, escravizados nos mais diversos sectores; as condições de vida de muitos migrantes (...); as pessoas obrigadas a prostituírem-se, entre as quais se contam muitos menores, e as escravas e escravos sexuais*”. E acrescenta: “Não posso deixar de pensar em quantos, *menores e adultos*, são objeto de *tráfico e comercialização para remoção de órgãos*, para ser *recrutados como soldados*, para *servir de pedintes*, para atividades ilegais como a *produção ou venda de drogas*, ou para *formas disfarçadas de adoção internacional*. Penso, enfim, em todos aqueles que são raptados e mantidos em cativeiro por *grupos terroristas*”. Olhamos para este negro panorama e cedemos à tentação de o associar a realidades longínquas que nada têm que ver com o nosso contexto mais imediato. Mesmo assim, teria que ver connosco. Mas será mesmo assim?

É óbvio que a nossa sociedade (Portugal) não é, felizmente, o espelho integral e mais



representativo deste retrato. Mas tem que ver connosco. Apenas um exemplo. Sempre que visito unidades industriais de produção intensiva em linha, saio impressionado: o mesmo gesto, repetido vezes sem conta, ao longo de todo o dia, controlado ao minuto, a troco de uma remuneração baixa ... Habitualmente, trata-se de empresários conscientes do extremo peso destas situações. Mas lidam, eles próprios, com contratos *esmagados* ao cêntimo, que não deixam margem para liberalidades. Em muitos casos, a alternativa a este rigor é a quebra, a falta de capacidade de pagar salários no fim do mês, o encerramento, o desemprego, o drama das famílias destes(as) operários(as).

A pressão vem de contextos socio-laborais de produção que não respeitam direitos mínimos e que, por isso, produzem a preços ainda mais baixos. Pelo meio está uma economia selvagem que enriquece à custa do suor e das lágrimas de todas estas pessoas. Pelo meio ... Mas no fim da linha está o consumidor (todos nós) que, sem olhar à origem da produção, se guia prioritariamente pelo preço mais baixo. Preocupação razoável, legítima, certamente. Mas não escapamos a integrar, de algum modo, a rede de *fazedores de escravos civilizados*, mas escravos. “A globalização da indiferença, (...) escreve o Papa Francisco, requer de todos nós que nos façamos artífices duma globalização da solidariedade e da fraternidade”.



O desafio de Ser «Sal na Terra»

O dia de Natal estava prestes a terminar e a ansiedade de partir rumo a mais uma Peregrinação de Confiança sobre a Terra (Encontro Europeu de Taizé) aumentava. Para os jovens do Porto, Vila Real, Viana do Castelo e alguns de Lisboa a peregrinação começou dia 25, quando partiram do Terreiro da Sé do Porto.

Connosco levamos o entusiasmo, a alegria e a vontade de que cada momento fosse um encontro com Ele, encontro esse, que nem sempre é possível com a rotina e a agitação do dia-a-dia.

Durante o caminho paramos em Lausanne (Suíça) onde partilhámos, numa celebração, a Luz da Paz de Belém, que partiu connosco do Porto; e em Viena (Áustria).

Acompanhados por um fantástico nevão desde Lausanne chegámos a Praga. Tal como aconteceu nos outros dois encontros em que participei (Roma e Estrasburgo) no acolhimento somos distribuídos por diferentes paróquias.

Na paróquia onde fiquei, em Hloubetín, as mulheres ficaram num acolhimento coletivo (pavilhão de uma escola) e os homens em famílias. O que permitiu um maior convívio

entre as portuguesas lá presentes e as raparigas dos outros países.

Durante o encontro houve momentos que me marcaram bastante:

- nos grupos de partilha, a interpretação de “sermos sal da terra” e a questão de como podemos mudar o mundo, levou a conclusões bastante interessantes. Tal como o sal é para a comida um condimento que salienta o seu bom sabor, nós devemos sê-lo na terra, para salientarmos o que de melhor ela tem, sermos exemplo. Partindo disto, torna-se fácil tornar quem nos rodeia feliz e melhor e ao deixarmos a eles, eles vão deixar outros e cria-se uma corrente onde de um pequeno gesto ajudamos a construir um mundo de paz;

- o pedido do Irmão Alois de todos os domingos do ano realizarmos 30 minutos de silêncio em oração, pela paz no mundo. Quando partimos do Porto muitos sentíamos a necessidade de silêncio e encontro. Se realizarmos este pedido começamos a tê-lo e pode ajudar a refletir nas nossas atitudes levando a uma mudança. Deste modo, começamos a criar a paz à nossa volta e, se todos o fizermos podemos



começar a tal corrente de pequenos gestos de mudança.

No regresso a Portugal, vem a certeza de querer mudar, construir um mundo melhor, comunidades de paz e harmonia e anunciá-Lo: ser “Sal na Terra”.

Testemunho de Rita Oliveira sobre o Encontro Europeu de Jovens promovido pela Comunidade Ecuménica de Taizé, em Praga, para o Departamento Nacional da Pastoral Juvenil.

Présent



Octávio Carmo
Agência ECCLESIA

A minha ficou marcada, naturalmente, pelo atentado em Paris que matou até ao momento 10 profissionais do semanário francês 'Charlie Hebdo' e dois polícias no desempenho das suas funções. Nunca foi leitor do jornal satírico e apenas me vi confrontado com as suas caricaturas, através da internet, quando ofendiam as convicções religiosas de católicos ou muçulmanos e eram, por isso, notícia. Na vaga de reações que se seguiram ao ataque armado contra a liberdade de expressão, lamento que muitos tenham caído na tentação de dizer: 'Estavam mesmo a pedi-las'. Da mesma maneira que outros aproveitaram, infelizmente, para despejar ódio contra as "malditas religiões" (assim mesmo, no plural).

Ao dizer 'Je suis Charlie', acredito ainda assim que a maioria não estava a fazer uma avaliação ética/estética do jornal satírico nem a condenar o Islão: estava, isso sim, a defender os valores centrais da civilização ocidental, da liberdade que nos permite viver em diálogo e procurar a verdade. E, já agora, resolver os problemas dentro do quadro das instituições democráticas, não recorrendo às armas.

Por isso mesmo, é tão importante recordar, como fez o Papa, que nada pode justificar a "abominável" violência homicida. Os fundamentalistas, entretanto, continuam a fazer vítimas em todo o mundo, centenas, milhares. Chegou o tempo de percebermos que o verdadeiro combate não é o das armas, mas ideológico, cultural, de uma visão

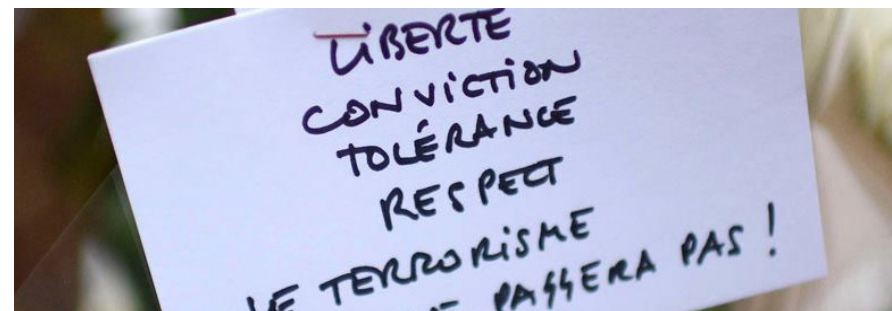


FOTO: L'Osservatore Romano

do ser humano e do mundo em que todos são irmãos e não inimigos, como fez questão de sublinhar Francisco na sua mais recente mensagem para o Dia Mundial da Paz.

Neste esforço, é fundamental que o Ocidente não vá de mãos vazias ou leve apenas o ceticismo, o relativismo ou o consumismo. Depois do choque que nos fez despertar para valores fundamentais que nos transcende, podemos aproveitar para nos lembrarmos de quem somos, verdadeiramente, e do que já fomos capazes de dar ao mundo, ao longo da história.

O fundamentalismo armado não cai do céu nem nasce do chão: é treinado, equipado, financiado, e já é altura de os responsáveis internacionais deixarem de fazer de conta que não sabem como é que tudo isto acontece. Porque para além das vítimas dos atentados, o extremismo mata também aqueles que não têm alimentos porque o dinheiro financia a compra de bombas ou as crianças que não têm escolas porque a riqueza das nações vai antes para tráfico de armas, fabricadas à nossa porta.



As Faces da Escravidão

2015 começou com alertas do Papa para as guerras e da “escravatura” na humanidade atual, assinalando o Dia Mundial da Paz, no início de um novo ano. «Já não escravos, mas irmãos» foi a mensagem escolhida para esta jornada, recordando que guerra nos faz sempre escravos. “Todos somos chamados a combater qualquer forma de escravidão e a construir fraternidade. Todos, cada um segundo a sua própria responsabilidade”, declarou Francisco. O dossier apresentado neste Semanário procura aprofundar as várias vertentes deste temática, com testemunhos de responsáveis católicos e a primeira entrevista ao novo presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, Pedro Vaz Patto.



«Crescimento económico deve acontecer com critérios éticos e justos»

Entrevista realizada por Lúcia Silveira

Pedro Vaz Patto é mestre em Ciências Jurídico-políticas pela Universidade Católica Portuguesa, docente no Centro de Estudos Judiciários e juiz em diferentes tribunais. O novo presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP) comenta a mensagem «Já não escravos, mas irmãos», onde o Papa Francisco, no Dia Mundial da Paz, propôs uma reflexão sobre a escravidão e tráfico de pessoas humanas.

O responsável português, que pertence a este organismo da Igreja Católica há alguns anos, alerta para a responsabilidade de cada pessoa no auxílio e na denúncia de situações que instrumentalizem o ser humano e não promovem a dignidade.

Agência Ecclesia (AE) – O Papa Francisco aponta a necessidade de se combater a indiferença. Este é um dos males que as sociedades ocidentais estão a criar?

Pedro Vaz Patto (PVP) – O Papa falou várias vezes da questão da indiferença mas, mais do que criticar ou denunciar, ele aponta uma alternativa que é a globalização da fraternidade.

O título e o tema principal da mensagem, a escravatura, parece uma questão do passado - há mais de 100 anos foi abolida a escravatura - e infelizmente não é assim. Recordo uma conversa com uma colega juiz do Tribunal do Trabalho, do norte do Brasil, que tinha muitos casos de trabalho escravo e em Portugal também houve condenações por escravatura.

Mais do que a escravatura em sentido estrito a mensagem fala do tráfico de pessoas que é um fenómeno muito difundido e uma fonte de receitas enorme, por exemplo no âmbito da criminalidade organizada.



PVP - Aquilo que caracteriza o tráfico de pessoas é o facto de se aproximar da escravatura onde as vítimas são fortemente limitadas na sua liberdade para exploração laboral, para exploração sexual, a situação da prostituição é talvez a mais frequente mas não única. Há outros: a exploração de crianças para a prática de crimes, para serem utilizadas na mendicidade, para tráfico de órgãos, para adoções clandestinas. Tudo o que serve de denominador comum a estas situações é o facto de a pessoa ser tratada como um objeto.

AE – *O Papa refere mesmo uma «rejeição da humanidade do outro».*

PVP – Considerar o outro como pessoa é considera-lo como um fim em si mesmo e quando a pessoa é instrumentalizada e reduzida a objeto, estamos perante esta instrumentalização e é aqui que está a raiz da escravatura.

A mensagem parte de uma passagem da carta de São Paulo a Filémon em que se aborda, a partir dos primeiros cristãos, num contexto e numa sociedade em que a escravatura era legalizada.

Podemos dizer que na mensagem cristã está aquela semente que viria a revolucionar e fazer com que a escravatura viesse a ser abolida. Podemos dizer que esta carta de São Paulo é significativa a esse respeito. Ao viverem o cristianismo, os primeiros cristãos, consideravam-se irmãos entre si, porque eram todos filhos do mesmo Pai. É esta mensagem que foi revolucionária naquele tempo mas hoje de certa maneira também o é caso não nos deixemos libertar pela mensagem de Jesus.

A globalização da indiferença e a reação na globalização da fraternidade reside nesta mensagem. Na mudança do olhar em relação ao outro e não encará-lo como coisa, sequer como rival mas como um irmão.

AE – *A escravatura e a pobreza acabam por ter uma tradição imemorial na nossa história e por isso são considerados fenómenos normais. São de facto normais?*

PVP – No plano de Deus não são. Deus criou-nos como irmãos, filhos do mesmo pai e nos seus desígnios não são normais e não nos podemos resignar a eles. O tráfico de



pessoas e a pobreza são duas formas de violação dos direitos humanos.

Em relação concretamente ao tráfico de pessoas, o tema da mensagem do Papa, não é um fenómeno só dos outros países. Sabemos que em Portugal existem redes, quer tenham o país como destino ou como partida. Perante esta situação o Papa dá indicações muito concretas, não só para as organizações internacionais,

para os políticos, para as pessoas que têm responsabilidade neste combate, para as empresas porque muitas vezes as redes de exploração laboral podem relacionar-se com empresas que atuam legalmente.

A exigência passa por estar atento e o desafio é ser responsável em bens de consumo que poderão ser fruto de exploração laboral.



PVP - O Papa diz que o ato de consumir é ético na medida em que temos de ter a responsabilidade para saber até que ponto não estaremos a alimentar uma forma de exploração.

Sabemos que há anúncios nos jornais sobre prostituição: uma forma de denunciar pode ser não comprar jornais que alimentam este tipo de negócio. Não podemos perpetuar a

ideia «sempre houve, há de existir sempre», tal como pensamos em relação à pobreza. Se cruzarmos os braços será assim mas não é a isso que somos chamados como cristãos.

AE- O Papa Francisco volta a colocar o dedo na ferida ao dizer que o sistema económico escraviza. Quando elenca as diferentes formas de escravatura refere que os contratos de trabalho são uma forma de escravatura quando concorrem para a legalidade e a presença de uma pessoa num país.

PVP – O Papa indica alguns fenómenos do sistema económico que podem favorecer, e favorecem efetivamente, o tráfico de pessoas porque estas vítimas não surgem por acaso. Há subjacente ao tráfico de pessoas o tratar o outro como coisas. Há ainda condições concretas que favorecem o recrutamento das vítimas, a falta de oportunidades de trabalho, a pobreza extrema, a falta de acesso à cultura, a emigração. É preciso distinguir: nem sempre os

emigrantes são vítimas de tráfico de pessoas. Mas há que estar atento porque uma pessoa que perca o seu trabalho e a sua residência fica mais frágil para aceitar qualquer condição para não ser expulsa. É este perigo que existe. O regime de autorização de residência não deve ser diferente mas faz depender um contrato de trabalho é preciso ver que obedeça aos requisitos normais com garantias do direito do trabalhador.

AE - Uma sociedade que esteja a sair de uma recessão económica pode ser mais permeável para que estas situações de escravatura aconteçam?

PVP – Pode acontecer. Num contexto de desemprego generalizado há um grande perigo de mais vale trabalhar seja em que condição for do que não trabalha. Existem condições mínimas que não se podem transgredir quando está em causa a dignidade da pessoa. O desemprego é um risco que pode suceder e tem acontecido.

AE - A denúncia é um papel que a CNJP deve prosseguir?

PVP – É essa a sua missão. O desafio é estar atento ao que passa à nossa volta, concretamente à atualidade e realidade portuguesa, mas sempre com uma perspetiva universal, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja. A justiça e a paz têm sempre esta perspetiva universal.

Nesta reflexão crítica não só denunciar mas também indicar caminhos para que estes fenómenos de violação dos direitos humanos, de violação da dignidade da pessoa sejam enfrentados e superados.

AE – A sociedade portuguesa atravessa um contexto que alguns referem ser de pós-crise. Que caminho gostaria a CNJP de propor, perseguindo a Doutrina Social da Igreja e os seus valores, para que a situação pela qual os portugueses atravessaram não volte a acontecer?

PVP – O Papa Francisco lança-nos um

desafio na exortação apostólica «A Alegria do Evangelho», e tem sido uma constante nas suas mensagens, a inclusão social dos pobres. Esta mensagem também está relacionada com isso e é um desafio para a sociedade portuguesa que continua a ter pobres e vive um quadro de pobreza acentuada resultado da crise que atravessamos. Eu considero que o desafio é não encararmos estas situações como se tudo dependesse de uma questão técnica e como se o crescimento e a eventual retoma económica, que não sabemos até que ponto virá e a que ritmo, fosse necessariamente um garante da justiça. O essencial é não pensar que depois vem tudo por acréscimo. O Papa refere na exortação apostólica que o crescimento é importante mas não basta. É importante estar atento para que este crescimento se dê de acordo com critério de justiça, critérios éticos, de distribuição equitativa dos frutos desse crescimento.



AE – Na conferência «Dimensão Social da Evangelização no mundo de hoje», promovida pela Comissão Nacional Justiça e Paz, em dezembro, o presidente da Cáritas Internacional disse que a opção preferencial pelos pobres hoje implica uma mudança no sistema económico. O cardeal Oscar Maradiaga disse também que a última pergunta que a todos será colocada é se deste de comer a quem tem fome. Este é um desafio para os Estados, para os agentes políticos mas também para os agentes económicos?

PVP – É uma responsabilidade de todos. Não podemos pensar que os políticos são os responsáveis e demitir-me de participar mas também deixar de chamar à responsabilidade

atores públicos para ações maiores. Este desafio é para cada um de nós que pode fazer alguma coisa, à sua escala, para combater a pobreza.

Para enfrentar as causas estruturais da pobreza, e o Papa tem sublinhado isto, não bastam ações isoladas mas é necessário ir à raiz para que o fenómeno não continue indefinidamente e não seja remediado de uma forma superficial ou temporária.

Nem a responsabilidade dos políticos, dos Estados, exclui a responsabilidade individual nem a responsabilidade de cada um significa que se ignore aquilo que depende de uma ação de âmbito político.



dossier

AE – A revisão da Lei do aborto poderá ser um tema neste ano. Que compromisso a CNJP assume nas áreas da ética e da vida ao provocar a reflexão que a sociedade portuguesa deve encetar nesta matéria?

PVP – O que penso, e não em nome da CNJP que tem uma equipa cujo trabalho é colegial e está ainda a ser delineado, é que estes apelos que o Papa tem feito sobre a inclusão

dos pobres em tudo se relacionam com a questão do aborto. Um dos exemplos da cultura do descartável é dos nascituros que em Portugal, como noutros países, não tem uma proteção adequada. Como disse a Madre Teresa de Calcutá um recém-nascido é o mais pobre dos pobres.

O mais elementar dos direitos é-lhes negado e não podemos esquecer isso



Estas questões estão todas ligadas: não devemos pensar só no aborto nem apenas nos pobres excluindo as crianças não nascidas.

A Doutrina Social da Igreja é um todo unitário e coerente e deve ser esse o critério que deve orientar a ação da CNJP.



Comissão de Apoio à Vítima de Tráfico de Pessoas

A presidente da Comissão de Apoio à Vítima de Tráfico de Pessoas, um dos temas para o qual o Papa Francisco alertou no Dia Mundial da Paz, explica como surgiu esta comissão, o contexto e quais os objetivos. “A nossa missão é sobretudo sensibilizar, formar, prevenir e contactar com a realidade porque se não ficamos na teoria”, explica a irmã Júlia Barroso sobre a comissão que conta com mais 11 religiosas.

A freira teresiana revela que a comissão “está a crescer” e têm como “desafio a partilha” de experiências, de realidades e de “criar” uma filosofia comum, uma inquietação. “Sobretudo de criar consciência crítica na sociedade, na Igreja e nas congregações religiosas”, acrescentou sobre a Comissão de Apoio à Vítima de Tráfico de Pessoa que chegou a Portugal em 2006.

À Agência ECCLESIA, a presidente explicou que a comissão vai crescer com a entrada de duas religiosas à procura de “espaços ecológicos ou espaços onde se toca a realidade”. “Vivemos numa Igreja, e muitas vezes numa vida consagrada, muito dentro

da obra, da sacristia, numa dimensão pouco aberta, a deixar-se tocar pelo terreno. E, as pessoas necessitam de tocar a realidade e querem entrar nestas comissões”, assinala a irmã Júlia Barroso dando o exemplo da comissão à qual preside e da Comissão Justiça e Paz da Vida Consagrada.

Ainda neste contexto, a responsável frisa o “receio” das congregações de sair “do de sempre” e do “novo” louvando quem trabalha mas sem dar o passo em frente. “No tema tráfico humano, exploração sexual, ainda há muito ‘não é comigo’, ‘não é para nós’”, comentou a religiosa teresiana.

Uma comissão que ainda é feminina mas que tem vontade de acolher membros masculinos para desenvolverem “um papel muito importante” junto dos clientes das vítimas de tráfico e exploração sexual, “um assunto muito sério” devido à conotação de género deste tema.

“A exploração tem muito a ver com o homem, com os rapazes, com a educação e com a formação. Um grande desafio seria a educação na igualdade e género porque este machismo que ainda existe na



sociedade começa desde pequeninos, da família”, alerta a irmã Júlia Barroso.

O Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, intitulada ‘Já não escravos, mas irmãos’, destaca o trabalho das congregações religiosas, especialmente femininas, no combate a este flagelo: “Tais institutos atuam em contextos difíceis, por vezes dominados pela violência, procurando quebrar as cadeias invisíveis que mantêm as vítimas presas aos seus traficantes e exploradores”, escreveu.

No programa ECCLESIA, transmitido na Antena 1 da rádio pública portuguesa, a presidente da Comissão de Apoio à Vítima de Tráfico de Pessoas explicou ainda que este trabalho surge do apelo de 600 superiores maiores de congregações religiosas, em Roma, a toda a vida consagrada para estarem atentas ao “grito de tantas mulheres”.

A presidente da Comissão de Apoio à Vítima de Tráfico de Pessoas para além da sua experiência congregacional revela que a mensagem do Dia da Paz



dossier

“confirma” o trabalho de “muitas congregações e pessoas até fora da Igreja”.

“É um momento verdadeiramente importante de nos unirmos todos - Estado, Igreja, Instituições e religiões”, explica a irmã Júlia Barroso.

A religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus considera que

Francisco com o tema – Já não escravos, mas irmãos -, e as “várias ações a todos os níveis” que promove, está a “confirmar e a dar força” a quem trabalha na área da exploração humana.

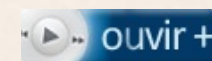
A religiosa teresiana apresenta a sua experiência pessoal, de quem vive há 10 anos num bairro social onde



existem muitas situações de “verdadeira escravidão e falta de dignidade humana”. “A exploração do pobre ao pobre impressiona-me muito, ou seja, dentro do bairro, entre vizinhos. Às vezes as pessoas frágeis são muito exploradas e martirizadas e às vezes há situações incríveis de não haver dignidade mínima”, desenvolve a irmã Júlia Barroso.

A casa da Companhia de Santa Teresa

de Jesus, neste bairro específico, vive de portas abertas com as religiosas prontas para acolher, ajudar e rezar por quem as procura e considera “família”. “Mesmo crianças que agora são adolescentes, quase jovens, dizem que as irmãs são o seu braço direito, que gostam muito das irmãs. Existe verdadeiramente amizade e às vezes não é fácil”, refere à Agência ECCLESIA.





Bispos unem-se a alerta do Papa contra escravatura

O patriarca de Lisboa sublinhou no início do ano o empenho da Igreja Católica em combater todos e quaisquer atentados à dignidade humana, que têm como base um problema “pedagógico, de educação pessoal e da sociedade”. Para D. Manuel Clemente, as “múltiplas e chocantes escravaturas” que subsistem no mundo atual, e que foram denunciadas pelo Papa Francisco na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, pedem mais do que a indignação ou o lamento. Pedem ação no sentido de “dar a volta à realidade existente, ou convertê-la, como cristãmente se diz”, exortou o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa. Intitulado “Já não escravos, mas irmãos”, o texto de Francisco recorda a situação de trabalhadores e trabalhadoras, incluindo menores, “escravizados nos mais diversos setores”; os imigrantes remetidos para a clandestinidade ou para “condições indignas” de vida e trabalho. A mensagem alude ainda às redes de prostituição, aos casamentos



forçados, ao tráfico e comercialização de órgãos, às crianças-soldados, aos pedintes, ao recrutamento para produção ou venda de drogas e a formas disfarçadas de adoção internacional.

“Certamente que nos indignamos, face a tanta sobrevivência de escravaturas várias” e ao mesmo tempo “repetidas notícias abrem-nos os olhos e tocam-nos as consciências”, realçou o patriarca lisboeta, durante a eucaristia na igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Benfica.

No entanto, prosseguiu, “no que toca a nós, seguidores de Cristo e ouvintes atentos do Papa Francisco, redobra-se o compromisso para tudo fazer rumo à libertação integral de cada homem e mulher”.

“Neste bom combate”, frisou D. Manuel Clemente, “a linha católica só pode ser a da frente, como parte ativa da solução” e na busca de alternativas que permitam “reforçar todas as frentes dos direitos humanos, para o seu cabal respeito, longe ou perto”.

O responsável católico destacou o trabalho que “pessoas e grupos, instituições sociais e religiosas” têm feito no sentido de erradicarem “servidões impostas” e de contribuírem para a sua “real superação”. Situações que tocam também aqueles a quem é negado “o direito a nascer, a ser devidamente educado, a constituir família com tudo o que esta requer”, a serem acompanhados de forma cabal “na doença ou na velhice”. Nos Açores, D. António de Sousa Braga deu como exemplo as diferentes formas de escravatura a que o homem é sujeito atualmente. O bispo de Angra refere que todos são instados a dar o seu contributo para desencadear “as mudanças necessárias para um salto de

qualidade na convivência humana”, passando a “considerar todos os homens já não escravos, mas irmãos”.

Para o prelado açoriano, a escravatura “não é só um facto do passado”, pelo que não é possível “ficar indiferentes às formas modernas de escravatura, que podem também verificar-se” nos locais mais próximos de cada um. “Há violência doméstica também de caráter psicológico, que pode subjugar as pessoas”, exemplifica.





Escravatura, uma sociedade que «vê e não se importa»

Airmã Irene Guia considera que a mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz 2015 alerta para o facto de a humanidade estar a perder aquilo que tem de melhor, “a capacidade das pessoas se relacionarem como irmãos”. Em entrevista à Agência ECCLESIA, a religiosa da Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus reforça as críticas que Francisco lança a fenómenos como a escravatura e o tráfico de pessoas, que têm por trás “uma impressionante indiferença” da sociedade.

“Pessoas que estão a sofrer e às quais nós voltamos o rosto”, frisa a irmã, para quem esta realidade “não pode ser enxotada só para os sistemas económicos”.

“Se nós não vemos e não nos importamos, nós mesmos pertencemos a esta cultura”, em que homens, mulheres, idosos e crianças “são explorados, descartados, atirados fora”, salienta.

Um relatório recente das Nações Unidas, prossegue Irene Guia, indicou que “mais de dois milhões de

pessoas são anualmente de alguma forma vítimas de tráfico”.

Como primeiro desafio, aponta a religiosa, é preciso que a sociedade seja capaz de ler a mensagem do Papa “com olhos que leem e ver o drama em que se encontram estas pessoas”. É tempo de “despertar do sono”, no que à prática da fraternidade diz respeito, pois cada indivíduo tem em si capacidade para alterar este paradigma, ser “fermento na massa” de uma nova humanidade.

“É isto que o Papa alerta, o que é que cada um de nós pode fazer para intervir no plano da cultura”, aponta a consagra das Escravas do Sagrado Coração de Jesus.

A irmã Irene Guia destaca particularmente as palavras que Francisco dedica à questão da emigração, em que diz que “condicionar a legalidade da presença de um migrante num país a um contrato de trabalho” é uma forma de “trabalho escravo”. Uma posição “muito, muito forte” e que não poupa ninguém, pois segundo o Papa está em causa a atuação

de redes criminosas que “só são possíveis com a cumplicidade das forças da autoridade, da polícia, dos membros do Estado”.

“Ao não estarmos alertas, somos automaticamente cúmplices por omissão”, considera a religiosa, que

segunda uma proposta deixada pelo Papa argentino:

Se existem redes criminosas dedicadas à escravatura e à exploração laboral, “porque é que há tanta dificuldade em formar também internacionais de defesa?”, conclui.

O bispo da Guarda apontou 2015 como uma oportunidade para “fazer progredir a sociedade e o mundo”, em primeiro lugar ao nível da preservação da “dignidade humana”. D. Manuel Felício referiu que “práticas” como a “compra e venda de pessoas” atiradas para a “escravatura” ou “exploração sexual”, entre outras situações ainda recentemente “enumeradas” pelo Papa Francisco, são “um retrocesso na caminhada civilizacional”.



Escravidura, um problema global

A irmã Isabel Balbino, Franciscana Missionária de Maria, explica o caminho que tem percorrido na Comissão de Apoio à Pessoa Vitima de Tráfico para perceber a “dimensão” de um problema global que “tem de implicar a todos”. “Percebemos que não é algo que está definido num sítio, são estas pessoas, estes parâmetros e que não é fácil diagnosticar e atacar”, refere a irmã à Agência ECCLESIA. Enfermeira de formação, a jovem freira contextualiza que o tráfico de pessoas “não é uma constipação” que tem um agente e local específico no qual se pode “usar um medicamento específico”. “Há um problema de base muito grande”, observa a irmã Isabel Balbino que confessa a frustração por ser uma situação com “muitas pontas soltas” que causa “dificuldade em ser eficaz”, em conseguir ver resultados das atuações. “Se o problema é global tem de nos implicar a todos”, alerta a religiosa inspirada na mensagem do Dia Mundial da Paz - Já não escravos, mas irmãos. A interlocutora revela que na

Comissão de Apoio à Pessoa Vitima de Tráfico, com ajuda de 11 irmãs, caminha no sentido de “perceber qual é a dimensão” do tráfico e ao mesmo tempo não se “perder nessa complexidade e abrangência”. Francisco considera que o tráfico é como um flagelo, uma ferida e a irmã Isabel Balbino acrescenta que só a fraternidade o pode curar condenando o “desprezo” das pessoas que “escorrega facilmente no sentido da indiferença”. “Ver o outro, olhá-lo como ser humano, ver a dignidade que lhe é própria, sorrir-lhe, ainda que não tenhamos outra alternativa mas aproximarmo-nos dessa situação”, incentiva a religiosa na entrevista à Agência ECCLESIA. A entrevistada alerta ainda que a questão da dignidade, como refere o Papa na mensagem, pode começar em casa com “explorações subtis” como também “nos trabalhos, nas paróquias”. “Um grande estímulo e lufada de ar fresco”, é desta forma que a jovem professa do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria



comenta o destaque do Papa Francisco ao trabalho das congregações religiosas,

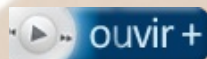
especialmente femininas, no combate ao tráfico de pessoas.

O diretor do Serviço Jesuíta aos Refugiados em Portugal considera que a mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz se destina aos cristãos e alerta que “importa à Igreja retomar ou tomar a defesa da vida destas pessoas”. “O Papa chama a atenção a todos os cristãos mas também sobretudo focando as situações em que acontece a exploração, a violência e várias formas de escravidão em que as pessoas são colocadas, pessoas de todas as idades - homens, mulheres, crianças, idosos”, explica André Costa Jorge. “Julgo que importa à Igreja retomar ou tomar a defesa da vida destas pessoas”, acrescentou à Agência ECCLESIA.





Educar para a diversidade cultural



A diretora da Obra Católica Portuguesa de Migrações (OCPM) afirmou que o apelo do Papa à “fraternidade e à dignidade da pessoa humana” deve ser ensinado desde a infância. “Nas escolas tomamos consciência que refletem a sociedade e a diversidade cultural e esta educação para a fraternidade pode e deve começar desde tenra idade: Para o respeito, a autonomia, a liberdade, a aceitação da diversidade cultural, o papel diferente que cada um pode ter”, explica Eugénia Quaresma sobre uma parceria que a OCPM está a desenvolver com o Instituto Padre António Vieira.

“Vamos começar a ir a escolas mas também às instituições onde estão crianças e jovens em contexto de vulnerabilidade”, desenvolveu à Agência ECCLESIA.

Para Eugénia Quaresma, Francisco pede atenção aos detalhes que “desviam do encontro com o outro”, de reconhecer, no caso dos cristãos, “o irmão”. “Irmãos não só filhos do mesmo pai e mãe, da mesma terra, mas ser capaz de levar este olhar



a toda a humanidade”, acrescenta sobre o que considera o “grande desafio” da mensagem.

Nesse sentido, a diretora da OCPM considera que o apelo é ao reconhecimento da “dignidade” do ser humano, por “muitas imperfeições que tenha”, dos valores que lhe “são inerentes”.

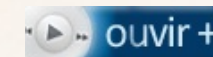
O Papa aborda as várias faces da escravatura e, segundo a entrevistada, quem vive “muito tempo na pobreza e na exclusão” acaba por “esquece-se” que tem uma dignidade e o trabalho que a OCPM desenvolve também passa por “ajudar a redescobrir”. “Quem já descobriu esta dignidade e que tem direitos precisa de descobrir que tem deveres”, comenta ainda Eugénia Quaresma.

Já o assistente espiritual da Obra Católica das Migrações destaca a “pertinência” da mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz 2015, num mundo que vive em mobilidade onde deve existir “uma fraternidade globalizada”. “É um tema muito pertinente para a situação que o mundo hoje vive de mobilidade humana que perpassa todas as sociedades, particularmente, os países que têm mais dificuldade quer a nível da crise económica como situações de guerras, violências, calamidades naturais”, destaca o padre Francisco Sales. O religioso franciscano considera que é necessário haver “consciência” que hoje vive-se num mundo em mobilidade e, “mais do que nunca”, as pessoas procuram trabalho em qualquer país para “viverem com a dignidade que é própria do ser humano e dos filhos de Deus”.

O responsável assinala que a “facilidade de mobilidade” origina que as pessoas sujeitem-se a “esquemas de exploração” particularmente o “tráfico de pessoas e o trabalho



verdadeiramente escravo”. “Hoje, no cristianismo não pode haver exploração do homem pelo homem, a pessoa humana não pode ser vista como objeto que está ao serviço para ser usada como meio para atingir determinados fins”, desenvolve o frei Francisco Sales.



Papa no YouTube, em português

O crescimento de vídeos na web, do qual o YouTube é um ícone, ampliou o repositório de conteúdos livres que podem e devem ser utilizados no nosso trabalho pastoral. Nunca foi tão fácil localizar, produzir e distribuir vídeos online, como hoje. Os vídeos são cada vez mais utilizados como recurso pedagógico, como recurso pastoral. Se uma imagem vale por mil palavras, qual será o valor de um vídeo? Há vários e múltiplos estilos de aprendizagens e de múltiplas inteligências: muitos aprendem melhor quando submetidos a estímulos visuais e sonoros. Hoje qualquer um pode capturar, editar e compartilhar pequenos vídeos, utilizando equipamento (caros ou baratos) e softwares gratuitos e livres.

História e funcionalidade

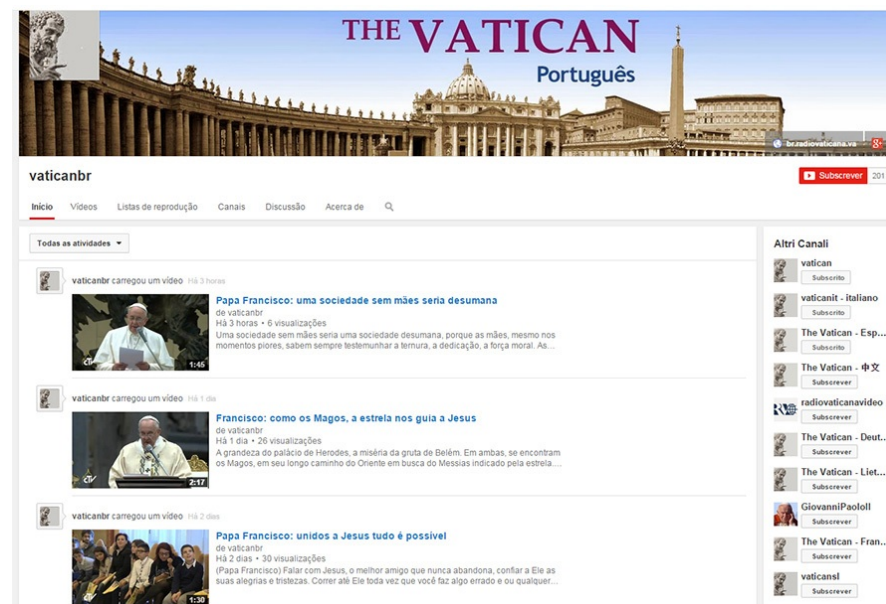
O YouTube, foi lançado em 2005 e adquirido pelo Google em 2006, apresenta inúmeros recursos que, à primeira vista, podem não demonstrar nenhum apelo pastoral, mas que podem ser utilizados com muito sucesso na pastoral.

Os vídeos podem, por exemplo, ser agrupados e organizados em listas de reprodução, listas rápidas ou favoritos, ver mais tarde. É possível participar em grupos dedicados a determinados temas e inclusive assinar canais.

Uma conta no YouTube permite o envio de mensagens para uma lista de contatos, partilha de vídeos de maneira privada. Pode-se enviar um vídeo em tempo real direto de um qualquer dispositivo fixo ou móvel. Logo que o vídeo tenha sido carregado para o YouTube, podemos editá-lo: podemos efetuar alterações no título do vídeo; na descrição ou nas tags; adicionar notas aos vídeos, inclusive com links; inserir legendas. Haveremos de voltar a este assunto.

“Papa no YouTube”

Há muito que o Centro Televisivo do Vaticano está o [YouTube](#) e usa a maior parte destas funções. Em parceria com a Rádio Vaticano, acaba de ser disponibilizado um canal oficial de comunicação do Vaticano contendo todo o conteúdo jornalístico língua portuguesa acerca dos eventos



do Papa e da Santa Sé. Direcionada ao público de língua portuguesa, que atualmente conta com cerca de 250 milhões de pessoas, a iniciativa possibilitará assistir e aceder a qualquer momento dos

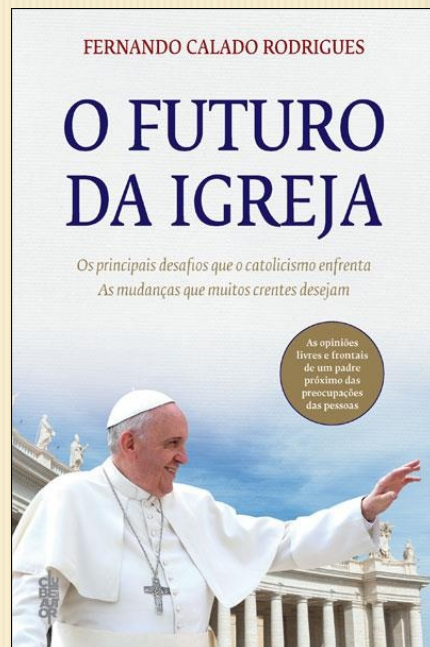
principais eventos do Santo Padre e do Vaticano, em português. Para estar atualizado basta subscrever o canal [AQUI!](#)

Bento Oliveira | [@iMissio](#)
<http://www.imissio.net>



Futuro da Igreja Tradução simples e frontal dos temas e questões eclesiais

O padre Fernando Calado Rodrigues publicou o livro «Futuro da Igreja», que resulta das crônicas semanais que escreve num jornal nacional, onde traduz para as questões que marcam a atualidade da Igreja de forma “simples, clara e frontal”. “É importante que a igreja dialogue com o mundo e traduza os seus assuntos e problemáticas. Muitas vezes o discurso da igreja é um pouco hermético, difícil de compreender a quem não é iniciado”, revela o sacerdote da Diocese de Bragança-Miranda. Em entrevista à Agência ECCLESIA, o autor explica que foi desafiado a “refletir” sobre o que acontece na Igreja de forma “clara e simples” para que “todos os públicos” possam “compreender melhor” as questões que marcam atualmente a Igreja. Desta forma, o livro o «Futuro da Igreja» resulta das crônicas semanais que o sacerdote escreve num jornal nacional. Segundo o entrevistado, não existem temas não tratados no debate que



a Igreja proporciona uma vez que foi abandonada “uma postura de declarar temas tabus” por isso nas suas reflexões são abordados todos os assuntos porque é preciso saber “enfrentá-los de forma frontal, sem

esconder”. “Não é agradável para a Igreja que determinadas coisas aconteçam mas é importante olharmos com frontalidade e encontrarmos as formas de os prevenir, resolver se possível e encontrar soluções e repostas para os dramas humanos”, desenvolve o padre Fernando Calado Rodrigues. Para o autor, “todos os cristãos” podem refletir sobre a realidade e “ajudar” a Igreja a “trilhar novos caminhos” mantendo-se “fiéis à tradição”, ao Evangelho e hoje aos “dinamismos” do Papa Francisco. “O Papa está a obrigar a Igreja a sair, a recentrar-se no fundamental, a regressar às origens e à mensagem evangélica de Jesus. Temos muito espaço de reflexão embora podemos

pensar, inovar e renovar na fidelidade à tradição da Igreja”, acrescenta o sacerdote que se revela “fascinado” com o exemplo e o testemunho de Francisco. “Eu acredito que o futuro da Igreja passa pelo Papa, mas o futuro não será como nunca foi só o Papa Francisco”, assinala o padre Fernando Calado Rodrigues que considera que este “efeito” que tem mais influência fora da Igreja mas vai conseguir “envolver outras pessoas”. O entrevistado revela-se ainda “muito sensível ao discurso do Papa” que pede atenção e apela a ir às periferias porque mora e trabalha na Diocese de Bragança-Miranda, “uma periferia”, onde se sente a influência de Francisco.



II Concílio do Vaticano: O «gigantismo» de D. Hélder da Câmara



A presença de D. Hélder da Câmara no II Concílio do Vaticano (1962-65) foi fundamental para que a primavera sonhada pelo Papa João XXIII tivesse sucesso. O arcebispo de Olinda e Recife (Brasil) foi uma das mais notáveis figuras do concílio. A sua modéstia leva-o a “não intervir na aula conciliar”, mas a sua “irradiação foi imensa”.

Na obra «O Diário do Concílio – Volume 2» de Henri Fesquet lê-se que o bispo brasileiro era conhecido em Roma como o pastor dos pobres e que tinha colocado “o seu paço episcopal deles e eles sentem-se como em sua casa”. Era notório e visível que o Papa Paulo VI (agora beato) tinha “uma particular estima” por D. Hélder da Câmara e chegou mesmo a confessar-lhe “toda a influência que ele exercia sobre si mesmo” (Obra citada na página 325).

D. Hélder Pessoa Câmara OFS (Fortaleza, 7 de fevereiro de 1909 — Recife, 27 de agosto de 1999) foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e grande defensor dos direitos humanos durante o regime militar brasileiro. Pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres e a não-violência. Pela sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais e foi indicado quatro vezes para o Prémio Nobel da Paz.

Quando hoje se fala tanto na reforma da Cúria Romana convém recordar o que pensava o bispo dos pobres sobre esta temática. Em relação ao Senado, D. Hélder da Câmara defendia que devia ser composto por cardeais, patriarcas e de um bispo eleito por cada

uma das conferências episcopais com duração de dez anos. Este Senado estaria “encarregado da eleição do Papa e colaboraria no programa dos concílios futuros, que poderiam realizar-se todos os dez anos (justamente o equivalente a um século de outrora, dada a aceleração da história)”. Para além deste Senado plenária devia ser escolhido um senado executivo (escolha pessoal do Papa) com mandato de dois anos e que não devia ultrapassar os 10% do Senado plenário. Este grupo devia ser convocado ao menos uma vez por ano para o exame dos problemas mundiais da Igreja. (Cf. «O Diário do Concílio – Volume 2» de Henri Fesquet).

D. Hélder da Câmara propunha também que a cúria romana fosse um órgão executivo ao serviço “não só do Papa, mas do Senado e dos organismos pós conciliares”. A cúria, segundo o bispo brasileiro, “não possui mais do que homens prisioneiros do passado”. Poderia “compreender no futuro” novos dicastérios e “talvez um serviço especial” que D. Hélder da Câmara



definiu como “uma antena muito sensível, capaz de captar as violências sofridas no mundo inteiro por pessoas de qualquer raça, condição política, fé religiosa e posição ideológica”.

Ao olharmos para o quadro atual, será que D. Hélder da Câmara não foi um visionário? Captou, logo no início, os alicerces do II Concílio do Vaticano.



Janeiro 2015

Dia 09

* Vaticano - instalações da Rádio Vaticano - Apresentação da convenção «A Astronomia no Cristianismo e no Islão» pelo Ano Internacional da Luz 2015 promovida pelo Observatório Astronómico do Vaticano e a Embaixada do Irão.

* Lisboa - Centro Social Paroquial de Nossa Senhora de Fátima - Iniciativa «Escutar a Cidade» promovida Movimento «Metanoia», uma forma de contribuir para o Sínodo da Diocese de Lisboa.

* Coimbra - Figueira da Foz (Pequeno auditório do Centro de Artes e Espetáculos) - Debate sobre «Religião e Justiça» com a participação de Laborinho Lúcio e José Souto Moura

* Vila Real - Auditório do Seminário de Vila Real - Conferência de D. António Couto, bispo de Lamego, sobre «Deus e Israel: as metáforas da família nos profetas».

* Fátima - Casa de Nossa Senhora do Carmo - 6ª edição do Curso sobre a Mensagem de Fátima com a Irmã Ângela Coelho, postuladora da Causa de Canonização de Francisco e Jacinta Marto e vice-postuladora da Causa de Beatificação da irmã Lúcia (09 a 11)

* Coimbra - Casa da Sagrada Família - Encontro de espiritualidade integrado nas comemorações do V centenário de Santa Teresa com conferências do padre Alpoim Portugal e do padre João Rego. (09 a 11)

* Fátima - Conselho Nacional da Pastoral Juvenil (09 a 11)

Dia 10

* Lamego - Museu Diocesano - Encerramento da exposição «Dogma d'Oiro» com peças de carácter religioso de Alexandre Fandino

* Lisboa - Igreja de São Tomás de Aquino - Concerto natalício pelo Coro «Capela Nova»

* Aveiro – CUFC - Ação de formação para organistas promovidas pela EDMUSA.

* Porto - Centro de Espiritualidade Betânia - Encontro nacional dos secretariados da Juventude Dehoniana

* Algarve - Portimão (Centro Pastoral de Ferragudo) - Jornada de Pastoral Litúrgica com o tema «A Liturgia, fonte e escola de Santidade».

* Vaticano - Sala Clementina - O Papa Francisco assinala o quinto aniversário do terramoto no Haiti com uma audiência

* Coimbra - Miranda do Corvo - Comemoração das bodas de diamante da Obra da Rua de Miranda do Corvo-Coimbra com exposição «Pai Américo e a Obra da Rua» e conferência sobre o Padre Américo por Henrique Manuel Pereira.

* Lisboa - Museu da Eletricidade - Conferência sobre «Se Deus viesse à Terra» com o padre José Luis Borgia; Esther Mucznik (vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa), Ricardo Mendes Ribeiro e Nilton. Com moderação de Joaquim Franco.

* Aveiro – Albergaria - Curso nacional de animadores da Acção Católica Rural (10 e 11).

Dia 11 de Janeiro

* Portalegre - Castelo de Vide (Igreja de São João Baptista) - Encerramento da exposição «O presépio-colecção de Maria Cavaco Silva» promovida pelo Museu da Presidência da República, em parceria com a Câmara Municipal de Castelo de Vide e a Diocese de Portalegre-Castelo Branco.

* Setúbal - Encontro das direcções dos centros sociais paroquiais da Diocese de Setúbal

* Porto – Amarante - A delegação de Amarante da associação «Espaço Jacobeus» recria itinerário dos peregrinos das Terras de Basto ao túmulo de São Gonçalo.

* Lisboa - Igreja de São Domingos - Início do ano jubilar das irmãs dominicanas de Santa Catarina de Sena





por estes dias

O primeiro encontro do Conselho Nacional da Pastoral Juvenil de 2015 vai contar com o contributo de dois monges da Comunidade Ecuménica de Taizé - Ir. David e o Ir. Alcides - para partilhar e refletir sobre o lugar de Taizé na vida dos jovens. O CNPJ começa sexta-feira, às 21h30, e termina no sábado, ao almoço, na Casa Nossa Senhora do Carmo, em Fátima.

Coimbra acolhe entre os dias 9 e 11 um encontro de espiritualidade integrado nas comemorações do V centenário de Santa Teresa, com conferências do padre Alpoim Portugal e do padre João Rego.

Nos mesmos dias, a Cova da Iria recebe a 6ª edição do Curso sobre a Mensagem de Fátima com a Irmã Ângela Coelho, postuladora da causa de canonização de Francisco e Jacinta Marto e vice-postuladora da causa de beatificação da Irmã Lúcia.

Observatório Astronómico do Vaticano e a Embaixada do Irão promovem em conjunto a convenção "A Astronomia no Cristianismo e no Islão" pelo Ano Internacional da Luz, que vai ser apresentada sexta-feira, nas instalações da Rádio Vaticano. Durante 2015 vão ser desenvolvidas diversas iniciativas pelo Specola Vaticana que começam com a convenção 'A Astronomia no Cristianismo e no Islão', de 13 a 15 de janeiro, em Castel Gandolfo, arredores de Roma.



Fotografia de Arquivo Fotográfico do Santuário de Fátima

CICLO DE CONFERÊNCIAS 2014-2015

NO 5.º ANO DA CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES

Local: Salão da Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores

Entrada livre

11 janeiro 2015

16:00 «A quem iremos?». A peregrinação e a experiência da fé.
P. Carlos Cabecinhas, Reitor do Santuário de Fátima.



Santuário de Fátima



1917-2017
CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Clérigos

11 dez. 2014

Pedro Balonas

**O novo enquadramento
da Torre dos Clérigos**

Edifício da Reitoria da U.Porto

Sala do Fundo Antigo

18 horas

+ conferências

18 dez. 2014

**Imaginários urbanos
– A Torre dos Clérigos
e outros ícones**

Álvaro Domingues

15 jan. 2015

**Neobarroco digital
no cinema ficção**

Federico Silvestre

29 jan. 2015

**Música e Arquitectura
no Barroco**

João Pedro Xavier

12 fev. 2015

**Nicolau Nasoni
entre Itália e Malta:
o "rosto" do artista
nos anos da formação**

Giovanni Battista Tedesco

26 fev. 2015

**Nasoni – a figura
do Arquitecto**

Manuel Montenegro

12 mar. 2015

**Nicolau Nasoni e os anos
em Portugal:
a transformação de pintor
quadraturista
a "Arquitecto do Porto"**

Giovanni Battista Tedesco

26 mar. 2015

**A Torre dos Clérigos
no contexto
do programa cultural
do Barroco Europeu**

Amélia Polónia

9 abr. 2015

**Espiritualidade
e organização clerical
no Porto de Setecentos**

Helena Osswald

14 mai. 2015

A actualidade do Barroco

Eduardo Souto Moura



CLÉRIGOS

U.PORTO

Associação
Comercial
do Porto

Associação
Comercial
do Porto

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

FACULDADE DE TEOLOGIA E AGENCIA ECCLESIA

NOS PASSOS DE JESUS



8 A 16 DE ABRIL DE 2015

ORGANIZAÇÃO:

FACULDADE DE TEOLOGIA—UNIVERSIDADE CATÓLICA

AGÊNCIA ECCLESIA—Agência de Noticias da Igreja Católica
em Portugal e dos Programas na RTP2 e ANTENA 1

INFORMAÇÕES:

FACULDADE DE TEOLOGIA:
direccao@ft.lisboa.ucp.pt

Tel: 217 214 150

AGÊNCIA ECCLESIA:
secretariado@ecclesia.pt

Tel: 218 855 472

P. JOÃO LOURENÇO: jlourenco@ft.lisboa.ucp.pt

Inscrições até 31 de Janeiro de 2015

INSCRIÇÕES:

FAC. DE TEOLOGIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA
Palma de Cima—1649-023 Lisboa

direccao@ft.lisboa.ucp.pt

Tel: 217 214 150

Programação religiosa nos media



Antena 1, 8h00
RTP1, 10h00
Transmissão da
missa dominical



11h00 -
Transmissão missa

12h15 - Oitavo Dia



Domingo: 10h00 - O
Dia do Senhor; 11h00
- Eucaristia; 23h30 -
Ventos e Marés;
segunda a sexta-feira:
6h57 - Sementes de
reflexão; 7h55 -
Oração da
Manhã; 12h00 -
Angelus; 18h30 -
Terço; 23h57-
Meditando; sábado:
23h30 - Terra
Prometida.

RTP2, 11h18

Domingo, dia 11 -
Escravaturas: respostas do
Papa Francisco



RTP2, 15h30

Segunda-feira, dia 12 -
Entrevista a Alexandre
Laureano Santos e a Carlos
Alberto da Rocha, sobre os
100 anos da Associação de
Médicos Católicos.



Terça-feira, dia 13 -
Informação e apresentação
do curso "Teologia e Espiritualidade da Família", na
UCP;
Quarta-feira, dia 14 - Informação e entrevista ao padre
Fernando Sampaio e Fernando Oliveira sobre a
Pastoral da Saúde;
Quinta-feira, dia 15 - Informação e entrevista ao padre
Jovito Osvaldo sobre o Ano da Vida Consagrada;
Sexta-feira, dia 16 - Apresentação da liturgia de
domingo.

Antena 1

Domingo, dia 11 de janeiro - 06h00 - Ano Europeu
para o Desenvolvimento com Margarida Alvim e Pedro
Krupenski.

Segunda a sexta-feira, 12 a 16 de janeiro - 22h45 -
Visita do Papa ao Sri Lanka e Filipinas: apresentação
da viagem pelo chefe de redação da Agência Ecclesia,
Octávio Carmo (dia 12 jan); as Filipinas e todo o
contexto pelo sacerdote filipino Jovito Salvo,
missionário do Verbo Divino, que acompanha a
comunidade filipina de Lisboa



No programa ECCLESIA (Antena 1)

Ano B – Festa do Batismo do Senhor

Com a Festa do Batismo do Senhor, termina hoje na liturgia o tempo de Natal e inicia-se o tempo comum. Esta história de um Deus que envia o próprio Filho ao mundo e às nossas vidas é sempre plena de atualidade.

Celebrar o Batismo do Senhor Jesus é acolher e renovar em nós o plano salvador de Deus revelado no seu Filho muito amado. No dia do nosso Batismo, comprometemo-nos com esse projeto. Como renovar de modo concreto esse compromisso assumido? Celebrar o Batismo do Senhor Jesus coloca-nos frente a frente com um Deus solidário com a humanidade e que nos oferece um caminho de liberdade e de vida plena. Inseridos nessa dinâmica de vida nova como filhos de Deus pelo nosso Batismo em Cristo, só podemos ir ao encontro dos irmãos mais desfavorecidos e estender-lhes a mão, partilhar a sorte dos pobres, dos sofredores e dos injustiçados, identificar-nos com eles e participar dos seus sofrimentos, a fim de melhor os ajudar a conquistar a liberdade e a vida plena, contribuindo para os promover e para lhes dar mais dignidade e mais esperança. São essas atitudes que assumimos no quotidiano das nossas vidas cristãs?

Tomemos ainda a peito duas interpelações que nos vêm da segunda leitura dos Atos dos Apóstolos, que nos podem ajudar a reavivar a fidelidade ao nosso Batismo em Cristo.

Diz o texto que Jesus de Nazaré «passou pelo mundo fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo demónio». Bela expressão para caracterizar a vida de uma pessoa! Nos seus gestos de bondade e misericórdia, de perdão e solidariedade, de ternura

**Batizados
em Cristo,
praticantes
no Amor**



e amor, as pessoas encontraram o projeto libertador de Deus em ação. Batizados em Cristo e comprometidos com a sua missão, não temos outro caminho senão continuar esses mesmos gestos hoje, empenhando-nos em libertar todos os que são oprimidos pelas situações de individualismo e egoísmo, de injustiça e exploração, de solidão e doença, de analfabetismo e sofrimento. Segunda interpelação: «Deus não faz aceção de pessoas». E nós, que somos filhos deste Deus? Só podemos aceitar todos os irmãos da mesma forma, reconhecendo a igualdade fundamental de todas as pessoas

em direitos e dignidade. Eis um imenso e constante desafio à nossa existência em Cristo. Pelo Batismo, ou dizemos um sim radical a Cristo ou navegamos noutras ondas. Não há lugar para batizados não praticantes. Os batizados em Cristo só podem ser praticantes no amor de Deus e nos gestos de salvação de Deus, na existência quotidiana, celebrada e vivida. Que assim seja em mais uma semana que o Senhor nos concede!

Manuel Barbosa, scj
www.dehonianos.org



O que pode esperar o doente do SAER?

O doente pode esperar a visita amigável e fraterna do capelão e voluntários; alguém para conversar, desabafar; o acompanhamento espiritual, se o desejar; a oração dos irmãos e com os irmãos; a leitura e meditação da Palavra de Deus; o aprofundamento da fé, quando o desejar; a celebração dos sacramentos, quando os pedir, nomeadamente da reconciliação, da Eucaristia e da Unção dos doentes;

ou o baptismo para as crianças ou para quem deseja iniciar o caminho da fé. Através do SAER, também a Igreja se enriquece com o testemunho de fé do doente, com a partilha da sua experiência crente. O capelão, os voluntários e o doente, quando se encontram na visita e/ou reúnem para celebrar a fé, reciam a Igreja, pois se reúnem com e em Jesus.

A Assistência espiritual e religiosa é prestada ao utente a solicitação do próprio ou dos seus familiares ou outros cuja proximidade ao utente seja significativa, quando este não a possa solicitar e se presume ser essa a sua vontade.

(Decreto Lei 253/2009, art. 4)

*Assistência religiosa e cuidados de saúde:
tema apresentado aqui semanalmente
e no programa Ecclesia, RTP2, em cada quarta-feira
Entrevista ao padre Fernando Sampaio e Fernando Oliveira*

"Se tiver de ser internado(a), não esqueça, peça a visita do capelão aos enfermeiros logo no início do internamento. Não fique à espera".

(Comissão Nacional da Pastoral da Saúde)

Bispos querem ouvir comunidades sobre questões da Família

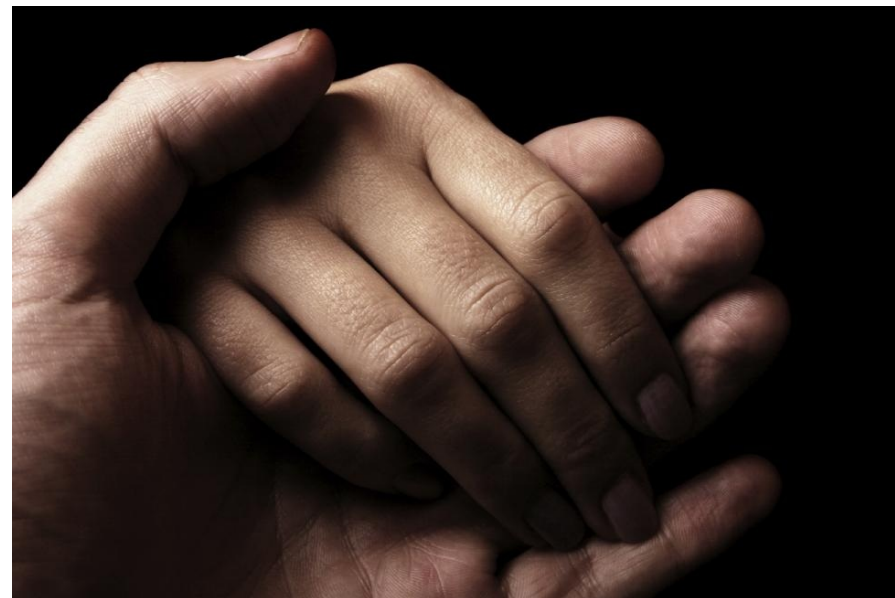
O arcebispo de Braga convidou as comunidades católicas a estudar os 'lineamenta' (documento preparatório) do Sínodo sobre a Família, que vai decorrer no Vaticano em outubro de 2015, e depois responde às 46 perguntas apresentadas. "A família, mais do que nunca, tem sido tema de diálogo e de debate. Nem sempre de um modo adequado e com fidelidade à verdadeira doutrina. Os problemas são variados e a Igreja confia aos católicos a corresponsabilidade de encontrar respostas", escreveu D. Jorge Ortiga, numa mensagem divulgada na internet e enviada à Agência ECCLESIA.

O arcebispo primaz explica que esta etapa é uma continuidade ao "impulso inicial" do Sínodo extraordinário que decorreu em outubro deste ano e quer envolver toda a Igreja em "discernimento". "Os caminhos para propor a doutrina através do anúncio do Evangelho da Família e da consciencialização das diversas perspetivas pastorais a serem acolhidas e ativas nas nossas

comunidades cristãs", desenvolveu. Neste contexto de "corresponsabilidade eclesial", D. Jorge Ortiga solicita aos sacerdotes, membros dos Institutos de Vida Consagrada, às diversas associações e movimentos que reflitam, "pessoalmente e em grupo", sobre o documento preparatório e respondam às 46 perguntas apresentadas.

Nos Açores, o Serviço Diocesano para a Pastoral Familiar e Apostolado dos Leigos de Angra vai coordenar a consulta e receber as respostas dos vários movimentos ligados à família sobre o documento preparatório para a assembleia de bispos de 2015.

O sítio online 'Igreja Açores' informa que o documento preparatório foi enviado para todas as ouvidorias – "com particular destaque para os 16 Casais de ligação e os casais responsáveis a nível paroquial" - e movimentos relacionados com a pastoral da família na diocese de Angra que "devem responder às questões até ao próximo dia 15 de fevereiro".



As respostas às perguntas sobre temas como a pastoral dos divorciados ou acolhimento dos homossexuais, para além das propostas sobre o "Evangelho da Família", devem ser enviadas para o endereço de correio eletrónico pastoralfamiliar.acores@gmail.com. No final, Serviço Diocesano da Pastoral Familiar analisa e resume as

respostas num documento que vai enviar ao bispo da Diocese de Angra a partir do qual "será definida a posição diocesana a enviar à Conferência Episcopal Portuguesa". A primeira reunião do secretariado do Serviço Diocesano para a Pastoral Familiar e Apostolado dos Leigos para analisar estes documentos realizou-se a 6 de janeiro.



ano da vida consagrada

Bispo de Vila Real quer diocese «berço e alfobre» de vocações consagradas

O bispo de Vila Real apela numa carta aos consagrados a um conhecimento “mútuo” entre religiosos e diocese, aos diocesanos que conheçam esta forma de serviço e alerta que a Diocese deve continuar a ser “berço e alfobre” de vocações. “São precisas a verdadeira comunhão, o ardor, a solidariedade e o trabalho em rede”, alerta D. Amândio Tomás sobre a diocese continuar a ser “berço e alfobre de vocações missionárias”, como foi no passado. Nesse sentido, aos diocesanos e aos religiosos (as) “exorta” a viverem como consagrados “ao Senhor e unidos”: “Não podemos ser filho de Deus sem ser filhos da Igreja”.

No mais recente número do boletim ‘Igreja Diocesana’, o prelado em nome da diocese agradece a “dedicação” das 14 congregações presentes, quatro masculinas e 10 femininas, que enumera na sua missiva.

“Unidos na oração e na comunhão eclesial, demo-nos a conhecer trabalhando juntos”, observa.

Este Ano da Vida Consagrada, explica D. Amândio Tomás, “ajuda” a conhecer a vida consagrada, as congregações e os carismas que vivem na diocese de Vila Real que deve “apoiar” esta forma de vida que “está no coração da Igreja”. O prelado revela ainda que, no contexto dos quinhentos anos do nascimento de frei Bartolomeu dos Mártires e de Santa Teresa de Ávila, quer “apostar, na perfeição da caridade, na comunhão e trabalho em rede” e no “mútuo” conhecimento entre religiosos e estruturas diocesanas. Nesse sentido, deseja que o Ano da Vida Consagrada “não” os “deixe tíbios” e “indiferentes aos valores eternos” que a Vida Consagrada anuncia. Na missiva publicada na [página](#) online da diocese, D. Amândio Tomás disse ainda que é necessário completar a equipa diocesana responsável pela união dos Consagrados na Diocese de Vila Real.



céu da boca

Singeverga - o licor dos Beneditinos Portugueses

Aos monges se deve, com efeito, entro os muitos benditos de que a humanidade lhe é devedora, o terem inventado, juntamente com os processos de fabrico, os melhores e mais afamados licores que se conhecem. Desconhecedores das chamadas 'essências sintéticas' da indústria moderna, os monges cultivavam as mais variadas plantas aromáticas, do que extraíam, depois, por engenhosos, ainda que rudimentares, processos de destilação as finíssimas essências com que eram preparados esses deliciosos néctares, tantas vezes imitados mas nunca iguais. Em Singeverga encontra-se o único licor em Portugal genuinamente monástico, inteira e exclusivamente preparado pelos monges, por destilação direta de plantas aromáticas.

www.mosteiroidesingeverga.com





Vida Consagrada: sete desafios

1.A felicidade.

Qual é a felicidade de que se está à espera na vida religiosa? Que espécie de alegria se espera encontrar? Que espécie de ascese a felicidade do amor implica?

O principal é com efeito encontrar uma felicidade profunda no amor oferecido e recebido, o que implica também uma ascese especial na vida religiosa.

2.A paz.

Como conquistar e comunicar a paz? De que paz se trata?

A paz profunda do coração deve ser compatível com as preocupações e o sofrimento. O Espírito de Deus é a nossa fonte de paz; esta descoberta implica um caminho longo, mais fácil no princípio da vida, às vezes mais complexo na experiência do desânimo que, no decurso dos anos, sempre amaña.

3.O estudo.

Será que o estudo pode abanar a fé?

O estudo deve acompanhar toda a vida religiosa. Mais do que nunca, o «long life learning» vale também para a vida religiosa. A interpretação da fé é destinada a sofrer no futuro

próximo uma real evolução, sob o impacto da hermenêutica dos textos bíblicos e da interpretação dos dogmas. É preciso estar preparado.

4.Aescuta.

O que é melhor, ouvir ou dar conselhos?

Em primeiro lugar, estamos à espera de que o/a religioso/a saiba ouvir, tentar compreender antes de julgar. Jesus não tomou a iniciativa de condenar à partida. Quanto à Igreja, é preciso notar que, hoje em dia, ela não tem respostas convincentes para todos os problemas, por exemplo para problemas como a relação homem-mulher e o lugar da mulher na Igreja.

5.O olhar.

Que tipo de olhar se deve ter face aos outros e aos acontecimentos? Que felicidade é para todos nós, crentes ou não crentes, quando reparamos que o olhar do/a religioso/a parece reflectir o modo como Jesus «olhava»...

6.O confronto com o mal.

Como reagir à calúnia e às críticas? Cada um – religioso e cristão laico – será confrontado cedo ou tarde,

na sua vida, com a calúnia ou com a maldade. A violência interior é a primeira resposta espontânea. Aliás o maior sofrimento provém da oposição dos mais próximos, colegas, confrades ou irmãs. É preciso preparar-se antecipadamente.

7.Os «conselhos evangélicos» e o equilíbrio humano.

Para quem são os «conselhos evangélicos», apenas para a vida consagrada?

Por exemplo, na comunidade monástica de Bose (do Pe Enzo Bianchi), reconhece-se que os conselhos evangélicos se destinam a todos os cristãos, embora de forma diferente. Mas sem o equilíbrio humano, a vida religiosa não aparece como um testemunho atraente.

*Isabel Carmelo Rosa Renaud
e Michel Renaud
(Professores catedráticos
aposentados de Filosofia- UNL)*



Promover a paz, travar os violentos

Para que as pessoas de diferentes tradições religiosas e todos os homens de boa vontade colaborem na promoção da paz.

[Intenção universal do Santo Padre para o mês de janeiro]

1. A paz é, talvez, dos anseios mais universais. O modo de a realizar, porém, não goza da mesma unanimidade. Não raro, é procurada por meios violentos ou imaginada como fruto de um poder que anula todas as divergências. Porque tão desejada e tão ameaçada, nunca passou de moda a velha máxima romana segundo a qual “se queres a paz, prepara a guerra”, ou seja: só um povo forte e bem armado pode conseguir a paz, impondo o respeito e, de preferência, o medo aos possíveis adversários. A última versão desta “doutrina”, à escala planetária, foi a famosa *Destruição Mutuamente Assegurada* pelas armas nucleares, vivida durante a Guerra Fria entre a União Soviética e os Estados Unidos – talvez não por acaso, em inglês a abreviatura desta “doutrina” era MAD, que, como palavra, significa doido.

2. As religiões, ao longo da história, acumularam a sua quota parte de responsabilidade na guerra como na paz. Quando intensamente vividas, podem levar multidões a matar em nome de Deus; mas podem também gerar o mais profundo altruísmo, capaz de levar à dádiva da própria vida em favor dos outros. Note-se, entretanto, que falar de “religiões” é uma generalização conveniente, embora nem sempre feliz, pois as religiões não são iguais e as forças de destruição ou pacificação nelas presentes são claramente diferentes.

3. A causa da paz pode ser abraçada por pessoas das mais diferentes tradições religiosas e também por pessoas sem fé religiosa. Basta que façam do respeito pela dignidade da pessoa humana a referência primeira e última da sua acção – seja na esfera da política, no âmbito da economia

ou na multiplicidade de formas que pode revestir a acção individual e colectiva. Importa, porém, não ser ingénuo: o pacifismo absoluto pode ser uma colaboração objectiva com o mal, sobretudo porque este não pede licença para destruir, violar, torturar e matar... E quando é assim,

o direito à vida e os outros direitos a ele associados devem ser defendidos, usando os meios necessários e legítimos, de modo a travar o passo ao agressor injusto. Só deste modo a paz não será uma ficção de cemitério mas uma realidade viva, sempre frágil e sempre em construção.

Elias Couto



Memória e Contemplação

Num artigo simples a psicóloga americana Michele Brennan afirma, a partir da sua experiência que: *"A memória é o fundamento da nossa personalidade, a cola que mantém juntos todos os nossos relacionamentos com a família e amigos, e determina uma porção do nível global da nossa inteligência."* Fiquei intrigado. Continuei a ler.

"O desenvolvimento da memória não é independente, e requer outras capacidades cognitivas." Quais? Perguntei-me.

"Os nossos sentidos recebem a informação visual e auditiva a partir do nosso ambiente e transforma-a em sinais neuronais enviados para o cérebro." Isto permite a memória de trabalho. Por exemplo, é o que fazemos quando pretendemos decorar o nosso número de BI, ou um telefone, ou o PIN do nosso telemóvel, repetindo-o mentalmente as vezes necessárias até o decorar. Segundo Brennan, *"a memória de trabalho traz a informação proveniente dos nossos sistemas sensoriais, e mantém-nos enquanto o cérebro recorre a memórias anteriores para identificar o que o sistema sensorial está a experimentar."* Interessante. Na

primeira vez que me cruzei com a referência a este artigo havia uma imagem que lhe estava associada de uma pessoa a contemplar a natureza. Foi aí que me perguntei: quer isto dizer que poderemos melhorar a memória contemplando a natureza?

Se uma das formas de treinar a memória consiste em treinar os sentidos, que experiência melhor para o fazer do que sair de casa, ir para um jardim, parque, floresta e, simplesmente, contemplar a natureza que nos rodeia?

Ver um pôr-do-sol pode ser uma experiência indescritível e que não esquecemos mais.

Ouvir o som dos pássaros, grilos, chuva, de uma brisa, pode ser tranquilizador no meio do turbilhão das nossas responsabilidades. Vendem-se álbuns com estes sons. Cheirar uma flor, o ar depois de uma chuva de verão, ou a diferença entre o odor do campo e o de uma praia.

Saborear a água de um ribeiro, ou de uma chuva que escorre pela casca lisa de uma grande árvore, ou um fruto silvestre que se cruza no nosso caminho.

Tocar uma pedra lisa nas margens de um rio, deixar que a areia atravesse as nossas mãos, sentir a casca rugosa de



2015
European Year
for Development

uma árvore, ou passar a mão por cima do trigo em flor num vasto campo.

Num estilo de vida cada vez mais urbanizado, fomos substituindo a contemplação do grande écran da vida e natureza, pelo pequeno écran de retina de um smartphone. A

memória é como um baú valioso onde colocamos um tesouro feito de experiências, de histórias que animam noites em família ou com os amigos. Neste sentido, penso que não seja preciso muito para melhorar a nossa memória, basta ousar contemplar.



As histórias terríveis dos escravos dos nossos tempos

Epidemia de terror

O Papa denunciou, na sua Mensagem para o [Dia Mundial da Paz](#), a existência de milhões de seres humanos que vivem escravizados, apesar de estarmos já em pleno século XXI. Muitos, são cristãos. Yolande vive na República

Democrática do Congo. Há três anos, pouco depois de ter casado, foi raptada e violada por homens que pertencem a uma das várias milícias armadas que pululam no país. Ficou grávida. Agora tem uma filha nos braços. Não se pode esconder, não pode esconder a filha, mas todos apontam para ela com o dedo acusador. É culpada! Aquela criança mancha a reputação do marido e de toda a família. Yolande está só e segura a filha dos braços. Yolande é apenas uma das 48 mulheres e adolescentes que são violadas, a cada hora, na República Democrática do Congo. Os números são das Nações Unidas e falam-nos de uma epidemia de terror. Há poucos dias, Velerie Amos, responsável pela assistência humanitária da ONU na Síria,

denunciou que estão a ser recrutadas crianças, pelo Estado Islâmico. Algumas têm apenas cinco anos. A maioria pertence a minorias religiosas, como os cristãos. A palavra “recrutar” é um eufemismo para o rapto violento destes meninos e adolescentes. Na verdade, são arrancados às famílias e levados para campos de treino. Há crianças executadas em público, outras que são torturadas. Os números têm uma dimensão tal que anestesiam. Em quase quatro anos de guerra civil, há já mais de 200 mil mortos e 1 milhão de feridos.

36 milhões de escravos

O Papa Francisco denunciou a existência de escravatura em muitos países. O mundo ainda não deixou a escuridão da Idade Média em demasiados lugares. Segundo dados da ONU, haverá hoje cerca de 300 mil crianças-soldado. Jovens que servem para combater, carregar armas, cozinhar. Crianças que são também abusadas sexualmente. Calcula-se que haja, no mundo, cerca de 36 milhões de escravos. Os dados foram revelados em Novembro do ano passado por uma instituição que luta pela erradicação da escravatura,

a *Walk Free*. É como uma infâmia que escorre pelas fronteiras sem se deter.

Nas últimas semanas, os jihadistas do Estado Islâmico receberam um manual sobre como comprar e vender mulheres e meninas que caíram nas mãos deste grupo terrorista. Calcula-se que milhares de prisioneiras não-muçulmanas, cristãs e yazidis, tenham sido capturadas durante os últimos meses. Pode ler-se: “Elas são mera propriedade e podem ser distribuídas e vendidas”. Yolande provavelmente nem ouviu ainda falar no Estado Islâmico, dos seus milhões de refugiados. Para ela basta a memória do que viveu, os braços que a arrastaram para fora de casa, a humilhação e a dor de ter sido violada. Depois, há a filha que nasceu e que lhe recorda agora, e até ao fim dos seus dias, o rosto do homem que a brutalizou. Há milhões de pessoas assim, no mundo. Todas têm um nome, uma história. Todas estão em sofrimento. Para muitos, porém, são apenas estatística. Há 36 milhões de escravos no mundo. E estamos já no décimo quinto ano do século XXI.

Paulo Aido

www.fundacao-ais.pt





Vidas com História



Tony Neves
Espiritano

Todas as vidas têm uma história, embora nem todas traduzam Vida. O mundo de hoje (como o de sempre) precisa de histórias que marquem pela positiva. E, felizmente, há tantos homens e mulheres destes para ser biografados.

No início de mais um ano, podemos escolher algumas pessoas que sintamos ser inspiradoras. Eu começaria pelo Papa Francisco, com tanto arejamento e arrojo, a tentar renovar a Igreja e a dar sentido da vida ao mundo. A sua atenção pelos pequeninos e pelos pobres provoca, fascina, mobiliza. A sua Alegria de viver e anunciar o Evangelho dá razões acrescidas para vivermos como cristãos numa sociedade onde a Boa Notícia de Deus parece já não ter lugar cativo. A sua simplicidade humilde questiona esquemas assentes em ostentações balofas e caras, apontando caminhos de vida que preferem a fraternidade e a ternura à arrogância e egoísmo.

Continuaria a viagem pelo mundo das pessoas inspiradoras seguindo os passos de Madre Teresa de Calcutá. A sua vida fala alto e cala fundo porque deixou o mundo dos ricos para se entregar, de alma e coração, aos pobres mais pobres, os que jaziam nas sarjetas das ruas de Calcutá. Chamou a atenção do mundo inteiro para o drama da existência de gente de dignidade calcada. Deu a vida pela sua reabilitação social e moral. Explicou ao mundo, por palavras e atitudes, que um cristão não pactua com a injustiça nem aceita a miséria humana como fatalidade.

Poderia e deveria falar de mais homens e



mulheres marcados com o selo de uma entrega incondicional aos que vivem nas periferias e margens da história. São muitos. Neste ano da Vida Consagrada, passam-me tantos nomes e rostos pela cabeça, mas falar de uns era injusto para todos os outros. É bom, contudo, fazermos este exercício de memória e gratidão, evocando no coração as mulheres e homens cujas histórias de vida mostram vidas cheias de história salvadora.

O Papa Francisco, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz, combate todos os tráficos humanos e evoca, no fim, o compromisso das Consagradas e dos Consagrados nesta luta: 'apraz-me mencionar o enorme trabalho que muitas *congregações religiosas*,

especialmente femininas, realizam silenciosamente, há tantos anos, a favor das vítimas do tráfico humano. Tais institutos actuam em contextos difíceis, por vezes dominados pela violência, procurando quebrar as cadeias invisíveis que mantêm as vítimas presas aos seus traficantes e exploradores; cadeias, cujos elos são feitos não só de subtils mecanismos psicológicos que tornam as vítimas dependentes dos seus algozes, através de chantagem e ameaça a eles e aos seus entes queridos, mas também através de meios materiais, como a apreensão dos documentos de identidade e a violência física' São vidas que merecem ser contadas pela inspiração que provocam.

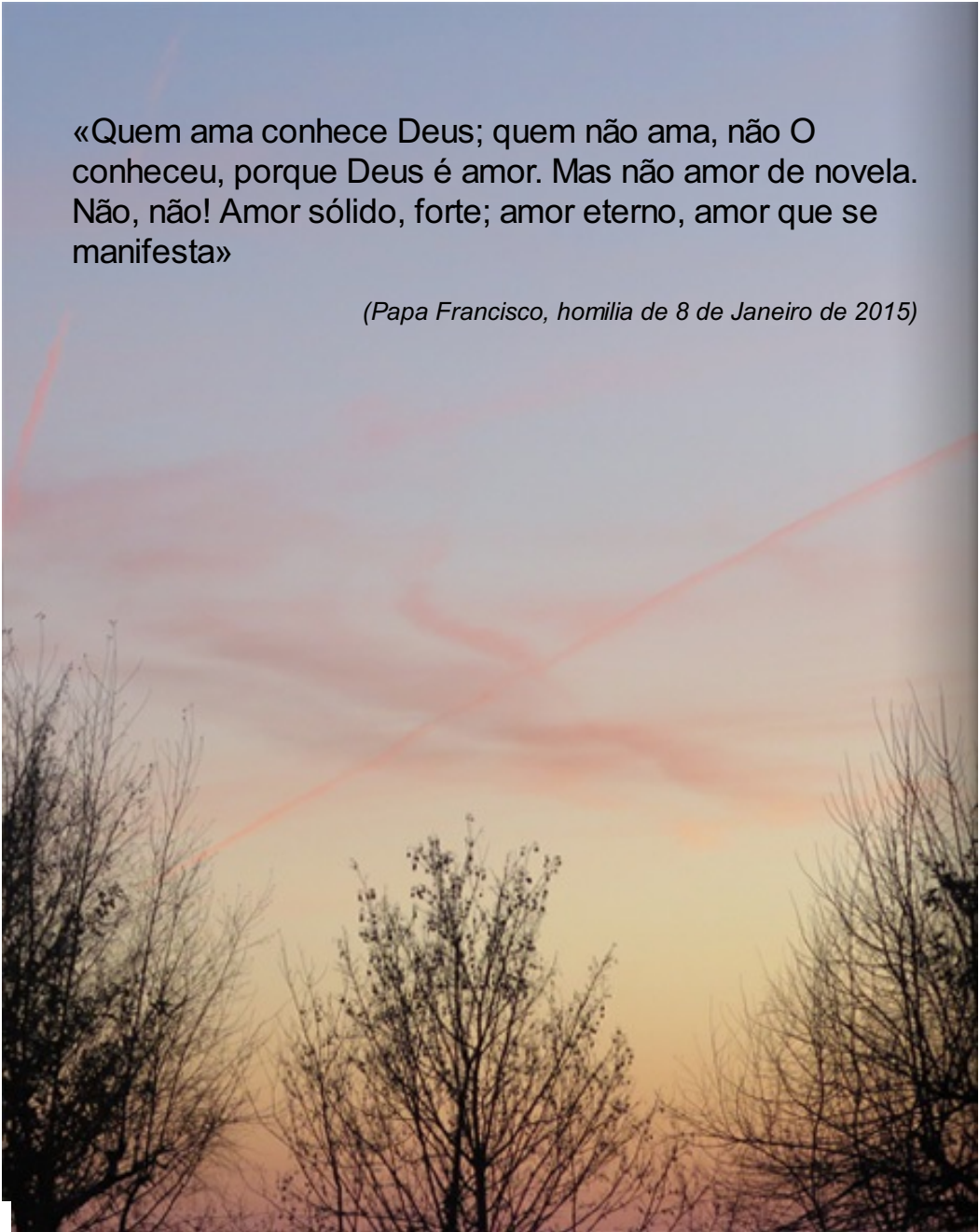
Programa **LusoFonias**

Um Encontro
de Vozes e
Culturas



Conheça
o programa... >

"Pode ouvir o programa Luso Fonias na rádio SIM, sábados às 14h00, ou em www.fecongd.org. O programa Luso Fonias é produzido pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, ONGD da Conferência Episcopal Portuguesa."

A photograph of a sunset or sunrise sky. The sky is a mix of soft pinks, oranges, and blues. A faint rainbow is visible, arching across the middle of the frame. In the foreground, the dark silhouettes of bare trees are visible against the bright sky.

«Quem ama conhece Deus; quem não ama, não O
conheceu, porque Deus é amor. Mas não amor de novela.
Não, não! Amor sólido, forte; amor eterno, amor que se
manifesta»

(Papa Francisco, homilia de 8 de Janeiro de 2015)